

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
Departamento de Educação
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local - POSMEX

Jeanine Calixto Lacerda

**FOLKCOMUNICAÇÃO E TURISMO: AS CAMBINDAS VELHAS DE
PESQUEIRA-PE E A ATIVIDADE TURÍSTICA DE BASE LOCAL**

**Recife
2010**

Jeanine Calixto Lacerda

**FOLKCOMUNICAÇÃO E TURISMO: AS CAMBINDAS VELHAS DE
PESQUEIRA – PE E A ATIVIDADE TURÍSTICA DE BASE LOCAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre, sob a orientação do Professor Doutor Roberto Emerson Câmara Benjamin.

**Recife
2010**

Jeanine Calixto Lacerda

**FOLKCOMUNICAÇÃO E TURISMO: AS CAMBINDAS VELHAS DE
PESQUEIRA – PE E A ATIVIDADE TURÍSTICA DE BASE LOCAL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal Rural de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local.

Aprovada pela banca examinadora em 28 de maio 2010.

Prof. Dr. Roberto Emerson Câmara Benjamin
Orientador
Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

Prof^a. Dra. Maria do Rosário de Fátima de Andrade Leitão
Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

Prof^a. Dra. Maria Salett Tauk Santos
Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

Prof. Dr. Severino Alves Lucena Filho
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

AGRADECIMENTOS

A Deus que me dá provas diárias de que a minha vida é guiada por Ele e que deu por sacrifício a vida de seu único filho para que eu fosse livre e feliz.

A minha mãe, Natalice, que é a mulher mais forte que já conheci, prova a cada dia que com fé tudo é possível. Eu te amo mainha.

A meu pai, Paulo, que assim como o Paulo Apóstolo tem me ensinado que “o amor não se alegra com injustiça, mas se rejubila com a verdade, tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”.

Ao meu esposo, Cleuber, por tudo o que passamos juntos, e por me ensinar, diariamente, que “sem saber que era impossível, fui lá e fiz”. Eu te amo!

A minha amiga-irmã Anny Jatobá que tem me ensinado que “o amor é paciente, é bondoso. Não tem inveja. O amor não é orgulhoso. Não é arrogante.” Obrigada por me mostrar como ser uma pessoa melhor e me orientar nas dificuldades da vida.

A Emerson Diniz, meu grande amigo que, nas suas ações comigo materializa a bondade.

A dona Helena Jatobá e seu Rivaldo Ferreira por me acolherem em sua casa como uma filha e me ajudarem tanto na minha pesquisa de campo, além de terem me presenteado com uma amiga como Anny.

Às minhas irmãs Suziane e Liliane, por tudo o que significam pra mim. Aos meus amados sobrinhos Eraldo e Giovana por me ensinarem que o amor é alegre, é feliz, é sorriso.

De forma muito especial, quero agradecer ao meu orientador o Prof. Roberto Benjamin, que com toda sua sabedoria, posição, reconhecimento, é um exemplo de educador. Obrigada professor por me ensinar tanto e mostrar os caminhos da pesquisa, mesmo estando, por vezes, a 2400 km de distância. Não posso esquecer José Fernando Souza, sempre muito alegre e disponível, ajudando na formatação do texto.

A todos os meus professores do POSMEX, pelo delicioso processo de construção do saber, em particular a minha co-orientadora Maria Salett Tauk Santos, por toda a segurança e compreensão a mim demonstradas.

Aos meus colegas da turma de 2008 do POSMEX, pelas manhãs e tardes de companhia e parceria no processo de aprendizagem, e em especial à bancada do turismo Anny Jatobá, mais uma vez, João Paulo da Silva, e os agregados da bancada Verônica Fox e Jademilson Silva, pelas horas de lanche tão divertidas.

Não posso me esquecer de todos os meus ex-alunos da Faculdade Osman Lins, da Faculdade Sete de Setembro, da UFPE e da Faculdade Joaquim Nabuco, em especial. Saibam que aprendi muito com cada um de vocês.

Um agradecimento especial para a família Lopes Amaral pela atenção dada durante as pesquisas e por persistirem em botar o bloco na rua.

E, finalmente, agradeço à banca examinadora pela disponibilidade em ler o meu trabalho e me mostrar os ajustes necessários a uma pesquisa científica.

EPÍGRAFE

MARACATU

Zabumba de bombos,
estouro de bombas,
batuques de ingonos,
cantigas de banzo,
rangir de ganzás...
— Luanda, Luanda, onde estás?
Luanda, Luanda, onde estás?
As luas crescentes
de espelhos luzentes,
colares e pentes,
queixares e dentes
de maracajás...
— Luanda, Luanda, onde estás?
Luanda, Luanda, onde estás?
A balsa do rio
cai no corrupio
faz passo macio,
mas toma desvio
que nunca sonhou...
— Luanda, Luanda, onde estou?
Luanda, Luanda, onde estou?

Ascenso Ferreira

RESUMO

Em âmbito geral, este estudo teve como objetivo analisar o processo folkcomunicação como elemento articulador para o desenvolvimento local a partir do turismo no município de Pesqueira, Agreste pernambucano. Especificamente, buscou compreender o significado, dinâmica e a importância do turismo como estratégia de desenvolvimento local para este Município, estudar como se dá o processo folkcomunicação entre a atividade turística a manifestação cultural Cambindas Velhas, identificar sua relação com a comunidade local e descrever como as políticas culturais e turísticas em Pesqueira abrangem o turismo e a manifestação objeto desta pesquisa. O percurso metodológico está alicerçado na pesquisa indutiva através do método de indução científica. Desenvolveu-se à luz do referencial qualitativo, com a elaboração de uma etnografia, cujos instrumentos de coleta de dados foram a pesquisa iconográfica, entrevistas semi-estruturadas, observação assistemática, diário de campo, história e oral e em relação ao levantamento da história da origem das Cambindas Velhas, com respeito aos informantes, a coleta de dados se deu como uma lenda fundadora que se repete na memória do grupo e assim atravessou um século. Ao aliar os dados coletados em campo ao aporte teórico elaborado através de pesquisas bibliográfica e documental, obteve-se como resultado uma realidade que aponta o potencial endógeno do município de Pesqueira, que se materializa não apenas em uma boa oferta turística, mas também em uma comunidade que se mostra receptiva a esta atividade. Por fim, o estudo conclui que apesar do potencial latente de Pesqueira para o desenvolvimento do turismo de base local, existem problemas que se constituem em um grande entrave a este desenvolvimento, a forma de gerir o município na perspectiva do turismo de base local, a imagem criada em torno das Cambindas Velhas, o processo comunicacional utilizado pela gestão vigente não abrange a plenitude da participação popular, indiscutivelmente uma das bases do desenvolvimento local, a falta de auto-reconhecimento da comunidade e suas manifestações. Sendo assim, a presente pesquisa conclui que o uso do processo folkcomunicação através de ações do *folkmarketing*, não apenas voltadas para o público externo, mas, sobretudo para o público interno, pode-se constituir em uma ferramenta fundamental no processo de gestão turística de base local favorecendo as especificidades da cultura local, fomenta a inclusão da comunidade uma vez se sentindo parte do processo e sua conseqüente participação.

Palavras-chave: Turismo de base local. Folkcomunicação. *Folkmarketing*. Cambindas Velhas

ABSTRACT

In general scope, this study had as objective to analyze the *folkcommunicational* process as articulator element for the local development from the tourism in the city Pesqueira, Pernambuco's Wasteland. Specifically, it wanted to understand the meaning, dynamics and the importance of the tourism as strategy of local development for this City, to study how is the *folkcommunicational* process between the tourist activity and the cultural manifestation Cambindas Velhas, to identify its relation with the local community and to describe how the cultural and tourist politics in Pesqueira enclose the tourism and the manifestation, object of this research. The methodology is based in the inductive research through the method of scientific induction. It was developed from the qualitative referential, with the elaboration of an ethnography, which instruments of data's collection was the *iconographic* investigation, *semi-structured* interview, *unsystematic observation*, daily's *field research*, *history and verbal*, and as for the history surveying of the origin of the Cambindas Velhas, about the informants, the data's collection happened like a founder legend that happens again in the memory of the group and so it has passed away one century. When uniting the data collected in field to the theoretical support elaborated through bibliographical and documentary research, it was obtained as resulted a reality that also points the endogenous potential of the city of Pesqueira, that concretizes not only in a good offers tourist, but in a community that shows itself receptive to this activity. Finally, the study comes to the conclusion that in spite of the latent potential of Pesqueira for the development of the tourism of local base, there are problems that constitute a great obstacle to this development, like the way to managing the city in the perspective of the tourism of local base, the image created around the Cambindas Velhas, the process communicational used by the administration in effect does not include the plenitude of the popular participation, unquestionably one of the bases of the local development, the lack of auto-recognition of the community and its manifestations. In such a manner, the present research concludes that the use of the folkcommunicational process through the action of folkmarketing, not only for the external public, but, first of all for the internal public, can be constituted in a basic tool in the process of tourist of local base management favoring the specificities of the local culture, promoting the inclusion of the community that this one feels itself as a part of process and has its consequent participation.

Keywords: Local of base tourism. Folkcommunication. Folkmarketing. Cambindas Velhas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01:	Localização de Pesqueira	39
Foto 01:	Estação ferroviária de Pesqueira em 2002	43
Foto 02:	Estação Ferroviária de Pesqueira	44
Foto 03:	Fábrica Peixe	45
Foto 04:	Índio xucuru	47
Foto 05:	Manoel Macena quilombola do Osso	49
Foto 06:	Caipora no carnaval	52
Foto 07:	Santuário da aparição de nossa Senhora em Pesqueira	53
Foto 08:	Índia rendeira de Cimbres	54
Foto 09:	Bonecas das Cambindas Velhas	61
Foto 10:	Rosânio com o megafone	63
Foto 11:	Primeira saia das Cambindas	64
Foto 12:	Rosânio vestido de Cambinda Velha e segurando a boneca	65
Foto 13:	Rosânio tocando a zabumba	65
Foto 14:	Carnaval 2009	70
Foto 15:	Bolo dos cem anos das Cambindas	71
Foto 16:	Painel comemorativo do centenário das Cambindas	72
Foto 17:	Caiporas	73

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	A ATIVIDADE TURÍSTICA E SUAS INTERFACES: OS ESTUDOS FOLKCOMUNICACIONAIS COMO ALIADO AO TURISMO DE BASE LOCAL	19
1.1	Turismo	19
1.2	Sistema de Turismo - O SISTUR, a cultura e o espaço rural	21
1.3	Desenvolvimento local e turismo de base local	25
1.3.1	Desenvolvimento local	25
1.3.2	Turismo de base local	27
1.4	Folkcomunicação	30
1.4.1	O processo folkcomunicacional	32
1.4.2	Folkcomunicação turística	33
1.4.3	Folkmarketing e o destino turístico	37
2	O AMBIENTE DA PESQUISA: PESQUEIRA A TERRA DO DOCE, DA GRAÇA E DA RENDA	39
2.1	Conhecendo o espaço geográfico e um pouco de história	39
2.1.1	Conhecendo o espaço geográfico	39
2.1.2	Um pouco de História	40
2.2	Os índios e os negros de Pesqueira: situação de exclusão	46
2.3	O turismo está para Pesqueira assim como Pesqueira está para o turismo?	52
3	UM OLHAR PARA DENTRO: AS CAMBINDAS VELHAS DE PESQUEIRA E O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DE BASE LOCAL	56
3.1	Cambindas Velhas de Pesqueira como instrumento de folkcomunicação turística	57
3.1.1	Cambinda Velha – folkcomunicação cinética	57
3.2	A realidade através da oralidade: a história das Cambindas Velhas de Pesqueira-PE	59
3.3	As Cambindas Velhas de hoje: herança familiar, música, dança, roupas instrumentos e situação atual	62
3.4	O Carnaval 2009: cem anos de Cambindas velhas	68
3.4.1	A organização do bloco e a política cultural – o ponto de cultura Ororubá	68
3.5	Caiporas: ícones do carnaval pesqueirense, por quê?	72
3.6	Folkcomunicação e turismo no espaço rural: as Cambindas Velhas de Pesqueira e a atividade turística de base local	76
3.6.1	O planejamento turístico de base local e o processo de folkcomunicação em Pesqueira	76
	CONCLUSÃO	80
	REFERÊNCIAS	83
	APÊNDICES	88
	ANEXOS	92

INTRODUÇÃO

O problema e sua origem

Este estudo traz uma análise sobre as possibilidades do uso da folkcomunicação turística como alternativa de fomento ao desenvolvimento local a partir do turismo em Pesqueira, PE. Tendo como objeto de estudo as Cambindas velhas, manifestação cultural do município, que em 2010 completou cento e um carnavais.

Para entender melhor os processos envolvidos na pesquisa, há a necessidade de conhecer o ambiente, mostrar conceitos sobre turismo, folkcomunicação e desenvolvimento local.

Pesqueira, agreste pernambucano, é um município detentor de diferentes possibilidades de práticas turísticas as quais favorecem experiências que, se bem planejadas, seriam capazes de atender as diferentes demandas de turistas, bem como viabilizar a participação dos atores locais. A oferta turística de Pesqueira se materializa em santuários católicos e indígenas, como o de Nossa Senhora da Graça, em Cimbres, reservas naturais com matas, trilhas e cachoeiras, além da comunidade do Osso, remanescentes quilombolas.

Passeios podem ser iniciados pelas serras do município, onde é possível praticar esportes como o montanhismo. Também há o sítio do Guarda, palco, em 1936, segundo a crença popular, da aparição de Nossa Senhora da Graça, situado na Serra Ororubá. A Serra é ocupada por 24 aldeias de índios xucuru, onde se pode encontrar lagos, açudes, cachoeiras e uma rampa natural de vôo livre.

A fabricação de doces caseiros também pode ser considerada um fator de motivação para o turista ir a Pesqueira, juntamente com a Renda Renascença artesanato que tem destaque na economia pesqueiraense.

Portanto, é correto considerar que em Pesqueira pode-se desenvolver diversas modalidades de turismo, com destaque para o turismo focado nas manifestações culturais e religiosas, além do uso turístico dos espaços rurais e naturais.

Pesqueira possui uma rica oferta turística, cuja gestão desses bens turísticos acredita que o Município tem como característica social e econômica uma realidade de desenvolvimento a partir do turismo gerado, em sua concepção, pelas manifestações culturais, como os Caiporas que são conhecidos por animarem o carnaval e as Cambindas Velhas, além da produção de renda renascença e dos doces artesanais.

Em qualquer destino, o uso turístico das manifestações culturais em uma perspectiva eminentemente comercial gera um aumento do fluxo da demanda turística o que é visto como solução para o turismo esquece-se, portanto, de que desenvolver não é inchar, que uma quantidade de turistas maior que a capacidade que o local suporta acarreta impactos sociais, ambientais e culturais que, na contramão do desenvolvimento local, comprometem a sobrevivência do sistema turístico, que será abordado no capítulo do aporte teórico.

Através desta realidade e das reflexões iniciais sobre folkcomunicação, turismo rural e desenvolvimento local, esta pesquisa lança um olhar investigativo para as possibilidades de desenvolver o turismo de base local em Pesqueira investigando a folkcomunicação nesse processo e tendo como referencia o estudo sobre o patrimônio cultural das Cambindas Velhas.

Para incrementar o turismo de base local em uma região é necessário um processo de planejamento turístico que resguarde as especificidades da cultura local em sua forma de se manifestar, no modo como a comunidade se apropria dessa manifestação e de como ela se reconhece parte disso. A folkcomunicação, portanto, ganha importância na medida em que pode ajudar neste processo criando identidades turísticas a partir das manifestações culturais.

Dentro desta perspectiva, vale ressaltar experiências exitosas de como a folkcomunicação foi de fundamental importância no processo de desenvolvimento turístico de algumas cidades no Brasil, se podendo destacar o Círio de Nazaré na cidade de Belém do Pará, o papangu de Bezerros em Pernambuco, a festa junina em Campina Grande na Paraíba. Em Pesqueira, ambiente de estudo da presente pesquisa, existem várias expressões da cultura folk, como a renda de renascença, os caiporas, os doces caseiros e expressões da cultura indígena. Entretanto, existe no município uma expressão de folk original, muito antiga, mas que, paradoxalmente, não consegue ter destaque a ponto de ser tratada como uma possibilidade de atração turística. É neste sentido que a presente pesquisa volta-se à análise desse fenômeno a partir das seguintes indagações:

- Porque as Cambindas Velhas, manifestação detentora de características peculiares e exclusivas da cultura pesqueira, não se converteram numa manifestação cultural de interesse turístico no município?
- Como utilizar a folkcomunicação no processo de planejamento turístico de Pesqueira?

Assim, a pesquisa levanta a seguinte indagação: Até que ponto o processo folkcomunicação é capaz de articular o turismo para o desenvolvimento local?

Ao longo do texto, busca-se responder a este questionamento com a finalidade de identificar o uso do processo folkcomunicação para o desenvolvimento do turismo de base local em Pesqueira.

Assim, diante da indagação levantada, em âmbito geral, esta pesquisa visa analisar o processo folkcomunicação como elemento articulador para o desenvolvimento local a partir do turismo em Pesqueira.

Na esfera específica, o estudo se propõe a compreender o significado, dinâmica e a importância do turismo como estratégia de desenvolvimento local para Pesqueira, estudar como se dá o processo folkcomunicação entre a atividade turística e as Cambindas Velhas, identificar a relação da comunidade local com as Cambindas Velhas e descrever como as políticas culturais e turísticas em Pesqueira abrangem o turismo e as Cambindas Velhas. Acredita-se, que com uma análise de cunho científico as questões de pesquisa serão estudadas nas suas relações com a comunidade e como possível ferramenta complementar para o desenvolvimento do turismo endógeno.

A motivação da pesquisa

A descoberta

A motivação para desenvolver um estudo que tivesse a abrangência de uma das linhas de pesquisa da pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX passou a existir a partir do momento em que se descobriu a possibilidade de trabalhar cientificamente o turismo, a folkcomunicação e o desenvolvimento local em uma comunidade fora do eixo urbano da capital do Estado, caracterizando, portanto, uma possibilidade de lançar o olhar científico ao eixo rural, além de mostrar que fora do urbano pode-se trabalhar os conceitos atinentes ao turismo, ao desenvolvimento local e a folkcomunicação, dessa forma, permitir que os benefícios trazidos por um estudo criterioso e sério cheguem até as comunidades mais distantes da capital.

Também, há um entusiasmo maior, por esta descoberta tendo em vista que o turismo, enquanto ciência em construção e suas interfaces sociais, econômicas, ambientais, antropológicas, políticas e psicológicas constitui uma vertente de pesquisa que suscita inquietações e questionamentos para a pesquisadora, cuja formação na graduação é em bacharelado em turismo.

A descoberta da possibilidade de trabalhar questões polêmicas para os estudiosos do turismo e investigar processos possíveis ao desenvolvimento desta atividade atrelando conceitos inerentes ao desenvolvimento local e ao processo folkcomunicacional motivou ainda mais o desenvolver desta pesquisa.

Reflexões para novas possibilidades de pesquisa

Um estudo que visa responder questões ligadas ao desenvolvimento local, do turismo através de um processo folkcomunicacional suscita reflexões acerca do atual modelo de gestão turística de qualquer localidade no Brasil, não só no Município estudado. Estas reflexões abrem possibilidades de novas tomadas de decisão por parte das gestões pública e privada, além de mostrar a importância da aproximação da comunidade para do bom desempenho do turismo.

Do mesmo modo, um estudo desta natureza amplia a compreensão acerca do fenômeno do turismo, como já fora citado, na qualidade de uma ciência em construção

na qual não se tem um corpo teórico robusto que possa subsidiar pesquisas em diversos âmbitos, assim, um estudo científico que traga as temáticas de turismo, desenvolvimento local e folkcomunicação, além de ser analisado em uma perspectiva original, poderá contribuir para futuras pesquisas nas áreas estudadas.

Um estudo que trata de questões culturais de uma localidade rural, aliado a pesquisas na esfera da atividade turística, traz consigo respostas muito importantes para uma atividade relativamente nova, o turismo rural. Além disso, é de grande contribuição aos estudos folkcomunicacionais uma vez que não existem muitas pesquisas acadêmicas aliam turismo, desenvolvimento local e folkcomunicação. Desse modo, esta pesquisa pode contribuir, não apenas com a comunidade acadêmica, mas sobretudo, com o processo de tomada de decisão do município aqui estudado. Portanto, é clara sua relevância social, econômica e acadêmica.

A realidade do ambiente

Instigada pela realidade do município de Pesqueira, local detentor de uma oferta turística interessante, diante dos discursos do poder público local ouvido por várias vezes nas reuniões da Secretaria de Turismo de Estado de Pernambuco, bem como, o grande interesse pela teoria da folkcomunicação, a pesquisadora resolveu adotar o referido município para as questões propostas neste estudo, sobretudo para investigar a possível ligação do processo folkcomunicacional com o desenvolvimento do turismo de base local.

O percurso que leva à resposta das questões deste trabalho é permeado pela preocupação social e econômica. Também guarda a esperança de que venha a contribuir para o avanço acadêmico nas áreas em estudo.

Itinerário metodológico

Este estudo, desenvolvido para o Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), está de acordo com a linha de pesquisa extensão rural para o desenvolvimento local – a qual, dentre outras possibilidades, permite a elaboração de

estudos sobre a dinâmica dos processos presentes na atividade turística e todos os seus envolvidos: ambiente, comunidade, turistas, iniciativa pública e *trade*¹.

Esta pesquisa se iniciou definindo o método indutivo como adequado para a condução do seu procedimento metodológico. Depois, buscou-se, a partir da realidade local, estudar a possibilidade de usar o processo folkcomunicação para desenvolver o turismo de base local em Pesqueira. Compreendendo o método como um raciocínio baseado em fatos particulares para se tirar uma conclusão genérica, caminha de uma singularidade para se chegar a uma conclusão ampla (MEDEIROS, 2009). Quanto ao método, Ruiz (1995, p.14) esclarece que “a indução científica parte do fenômeno para chegar à lei geral. Observa, experimenta, descobre a relação causal entre dois fenômenos e generaliza esta relação em lei, para efeito de previsões”.

O processo de investigação se desenvolveu à luz do referencial qualitativo que se propõe a uma compreensão particular e profunda dos fenômenos sociais, do modo defendido por Minayo (1994) como aquela que responde a questões muito particulares, se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Desta forma, decorreu a pesquisa *in loco*, permitindo que se estabelecesse um contato mais próximo com os atores da manifestação cultural Cambindas Velhas.

A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (GIL, 2002).

Além disso, foram adotados outros procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica dos conceitos fundamentais para a elaboração da pesquisa; obtenção de informações gerais sobre o território pesquisado; observações sistemáticas no ambiente; registros fotográficos; e entrevistas com os diversos atores locais: comunidade; gestores e iniciativa privada, além do diário de campo.

Outras técnicas utilizadas foram: a pesquisa bibliográfica; artigos de revistas científicas e de *Internet*; publicações de órgãos oficiais; projetos de iniciação científica e

¹ *Trade* turístico é o conjunto de equipamentos da super-estrutura constituintes do produto turístico. Caracterizados com meios de hospedagem, bares e restaurantes, centros de convenções e feiras de negócios, agências de viagens e turismo, empresas de transporte, lojas de *suvenirs* e todas as atividades comerciais periféricas ligadas direta ou indiretamente à atividade turística.

monografias, cuja abordagem se relaciona e à temática proposta, considerando-se o respaldo dos autores destes trabalhos.

Também foi feito um estudo de campo que culminou com a etnografia das Cambindas Velhas de Pesqueira (Apendice A), o que possibilitou entender sua trajetória, sua relação com o poder público, com a comunidade local e identificar a possibilidade de trabalhar esta manifestação através do turismo. O estudo etnográfico de acordo com Mattos (2001) é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Assim a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa.

A etnografia contribui para a pesquisa qualitativa no que tange o estudo das desigualdades e exclusões sociais, primeiro, por preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura, isto é, a cultura não é vista como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e a ação humana; segundo, por introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica no processo modificador das estruturas sociais (MATTOS, 2001)

O estudo empírico se desenvolveu em quatro visitas ao local, a saber: junho de 2008, momento em que houve o primeiro contato com a realidade local e surgiu o interesse em estabelecer a localidade como escolhida para a pesquisa, iniciou-se, então uma observação assistemática para exploração das possibilidades de tomar Pesqueira definitivamente como local da pesquisa.

Em uma segunda visita, dezembro de 2008, entrou-se em contato com o representante da Secretaria de Turismo, Leandro Castro Tenório, a secretária de cultura Lourdes Peixoto, e foram aplicadas as primeiras entrevistas semi estruturadas aos participantes das Cambindas Velhas, bem como foi feita a etnografia da mesma. (Apendice B)

Na terceira visita, carnaval de 2009, ocasião em que as Cambindas completaram cem anos, foi possível acompanhar a manifestação no carnaval, entrevistar pessoas da comunidade, e do *trade* turístico, os participantes das Cambindas, sua diretoria e o então secretário de turismo da cidade, além de uma rica observação assistemática no que concerne à participação da comunidade local durante o desfile das Cambindas. (Apêndices C e D).

A última visita ocorreu em maio de 2009, oportunidade em que a então prefeita da cidade, senhora Cleide Maria Oliveira, foi entrevistada e respondeu questões fundamentais ao entendimento da aplicação das políticas culturais e de turismo em Pesqueira. Além disso, foram feitas visitas à Secretaria de Turismo e à Secretaria de Cultura com a finalidade de identificar se havia planos, programas ou projetos que abrangessem o turismo e o folclore para serem desenvolvidos localmente.

Em síntese, o estudo *in loco* possibilitou à pesquisadora entrevistar os gestores públicos do município, secretário de turismo, prefeita, secretária de cultura, de educação, além de representantes das entidades comunitárias, representantes do *trade* e da comunidade em geral.

A observação direta também foi um rico instrumento de coleta de dados fundamentais para subsidiar a pesquisa, pois, permitiu entender como a comunidade “branca” se relaciona com os índios xucuru, como vivem os quilombolas, as rendeiras, o que entendem sobre turismo, e quais são seus anseios, receios e expectativas mediante aquilo que lhes fora apresentado: o turismo. Além disso, outro motivo pelo qual se buscou conhecer o contexto das relações sociais e econômicas destes grupos foi a procura de pontos convergentes dos mesmos em relação à manifestação estudada.

Para confrontar os dados coletados em campo fez-se, concomitantemente, uma pesquisa bibliográfica que, segundo a perspectiva de Dencker (1998, p.125) “é desenvolvida a partir de material elaborado: livros e artigos científicos”. E uma pesquisa documental, que a mesma autora diz diferir da pesquisa bibliográfica por não ter recebido nenhum tratamento analítico. No caso específico desta pesquisa, a bibliografia utilizada foi referente ao turismo, desenvolvimento local, sustentabilidade e folkcomunicação. E os documentos utilizados foram aqueles fornecidos pelos órgãos federais, estaduais e municipais de turismo.

Além disso, também foi feita uma pesquisa iconográfica (imagens, fotografias ou ilustrações) que pudesse favorecer ao melhor entendimento do histórico das Cambindas Velhas.

O processo de investigação se utilizou, ainda, da coleta de dados através da história oral da comunidade em relação as Cambindas Velhas, procedimento que se revelou extremamente rico, pois possibilitou entender o contexto entre o bloco² e a iniciativa pública e privada, e com a comunidade local.

² Bloco carnavalesco é um conjunto de pessoas que desfilam no Carnaval de forma semi-organizada, muitas vezes trajando uma mesma fantasia, ou vestidas do modo que mais lhe agradar.

Assim sendo, possibilita que indivíduos pertencentes a segmentos sociais, geralmente excluídos, possam ser ouvidos e terem registrado suas próprias visões de mundo e aquela do grupo social a que pertencem. Considerando que a classe hegemônica tem na escrita o seu marco essencial, o seu suporte para contar sua história, enquanto não oferece à classe não hegemônica, as mesmas condições para desenvolver o dom da escrita e contar sobre sua vida. (CASSAB, 2010)

Em relação ao levantamento da história da origem das Cambindas Velhas, a coleta de dados se deparou com uma lenda fundadora que atravessou um século sendo repetida na memória do grupo.

Esta dissertação se desenvolve em 3 (três) capítulos: do primeiro consta do aporte teórico que alicerça o estudo; o segundo retrata o município de Pesqueira, faz um levantamento histórico e geográfico do ambiente, chegando a esmiuçar características mais específicas, como as relações entre “brancos”, negros e indígenas, sua característica econômica, sua política e suas potencialidades turísticas; o terceiro capítulo apresenta a trajetória das Cambindas Velhas de Pesqueira e traz consigo a análise e os resultados dos estudos empíricos.

O estudo é concluído trazendo, naturalmente, respondendo aos questionamentos iniciais, ou seja, a possibilidade do desenvolvimento local a partir do turismo utilizando-se o *folkmarketing* como uma estratégia comunicacional no contexto da folkcomunicação para o desenvolvimento do turismo de base local, tendo as Cambindas Velhas como mote de estudo. Além disso, traz também sugestões possíveis para o desenvolvimento do turismo de base local por meio de um modelo de planejamento e gestão turística que considere a sustentabilidade em sua plenitude, além de mostrar a folkcomunicação em todo este processo.

1 A ATIVIDADE TURÍSTICA E SUAS INTERFACES: OS ESTUDOS FOLKCOMUNICACIONAIS COMO ALIADO AO TURISMO DE BASE LOCAL

Na busca de esclarecer o questionamento da pesquisa, bem assim alcançar o seu objetivo geral, este estudo se fundamentou nas teorias referentes ao seu problema. Tem alicerce no estudo das teorias sobre o turismo (sistema, rural e turismo de base local), a folkcomunicação e o desenvolvimento local.

É complexo o conceito de turismo, uma vez que a atividade não é uma ciência, sendo apenas entendida, por alguns estudiosos, como uma ciência em construção, a chamada turismologia. Sua característica principal é alimentar-se do corpo teórico de outras ciências, como Economia, Geografia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Ciências Agrárias, dentre outras, o que possibilita vários conceitos formados a partir destas mesmas ciências já consolidadas. Dessa forma, tem-se as definições baseadas nas ciências econômicas, naturais, sociais e finalmente uma definição holística.

Diante da dificuldade de conceituar o turismo é natural que a maneira de desenvolvê-lo como uma atividade sócio-econômica, bem como geri-lo nesta perspectiva seja, ainda um entrave aos olhos de um mundo capitalista, que, por sua vez, entende o turismo de forma reducionista, trabalha-o como uma atividade meramente econômica e geradora de emprego e renda, não considerando que o turismo - pensado da forma correta - pode se tornar um vetor de desenvolvimento local o qual tem a força de incluir a comunidade autóctone e resguardar seus bens culturais como consequência de uma gestão ética e responsável.

Percebe-se nas políticas públicas, bem como na visão do *trade*, o turismo como panacéia dos países em vias de desenvolvimento, embora se saiba que para que haja o equilíbrio necessário ao desenvolvimento da atividade turística é fundamental um processo de gestão adequado, participativo e com uma comunicação eficaz no âmbito das comunidades, inclusive as de contexto popular, uma vez que estas são as protagonistas para o sucesso da atividade e os maiores envolvidos no processo de desenvolvimento local.

1.1 Turismo

A dificuldade em se conceituar turista e turismo, com precisão, se dá, segundo Theobald (1998), em virtude destas palavras terem significados diferentes para

diferentes povos e, além disso, ainda não foram adotadas definições universais. Existem, portanto, três enfoques para definir o turismo, o econômico o técnico e o holístico. Exemplos disso, é que segundo Soukhanov e Ellis (1984, p. 1221) “turismo é viajar por prazer, a atividade comercial que proporciona viagens e serviços aos turistas” e um turista como “aquele que viaja por prazer”. Coincide com esta afirmativa a primeira definição sobre turismo, datada de 1910 que diz que turismo é “a soma das operações, principalmente de natureza econômica, que estão diretamente relacionadas com a entrada, permanência e deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país”. (BENI, 2004, p.34)

Até os dias atuais o turismo é compreendido por alguns como uma atividade meramente econômica. Visto por este prisma, o turismo não atenderia aos requisitos para uma possível ferramenta de desenvolvimento local.

Por outro lado, ao investigar etimologicamente, a palavra *tour* deriva do latim *tornare* e do grego *tornos* que significa uma volta ou círculo, o movimento ao redor de um ponto central ou eixo. Atrelando o sufixo “ismo” que significa ação ou processo, comportamento ou qualidade típicos e o também sufixo “ista” que denota aquele que realiza determinada ação (THEOBALD, 1998). Partindo dessa afirmação, pode-se agregar significados e processos a definição do turismo, que conforme o conceito holístico, Jafar Jafari citado por Beni, (2004, p, 36) o turismo é “o estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, dos impactos que ambos, ele e a indústria geram sobre os ambientes físicos, econômico e social da área receptora”. Observando mais criteriosamente esta definição, ao agregar os impactos sociais, econômicos e ambientais mais o homem como protagonista do processo, o turismo parte de uma atividade apenas econômica para uma atividade sócio econômica, capaz de viabilizar o desenvolvimento de localidades detentoras de uma boa oferta turística e promover a participação efetiva da comunidade local. É sobre este ponto de vista que esta pesquisa se fundamenta, ao tratar o turismo como uma estratégia de conservação da cultura e de desenvolvimento de localidades.

Ao aprofundar o estudo sobre o turismo e suas interfaces, entende-se que o mesmo compreende um conjunto de atividades desenvolvidas por vários gêneros de estabelecimentos dos setores primário, secundário e terciário, interligados em uma cadeia produtiva complexa e extremamente interdependente, que exige a adoção de métodos específicos de planejamento adaptados à realidade de cada localidade. Assim, torna-se importante abordar o turismo enquanto um sistema, o que se fará a seguir.

1.2 Sistema de turismo: a cultura e o espaço rural

No âmbito dos estudos acadêmicos, a teoria geral de sistemas define sistema, segundo Hall e Fagen (1956) “como o conjunto de elementos e das relações entre eles e de seus atributos”. As razões para definir a atividade turística a partir da TGS se deve

ao fato de que todos os modelos baseados na TGS oferecerem uma perspectiva diferente do sistema turístico e de como os elementos o constituem se inter-relacionam e interagem. Como a definição de sistema é ampla e seus contornos são desenhados e construídos a partir das observações do pesquisador cada modelo considera elementos diferentes como integrantes do sistema de turismo. (MARTÍNEZ, p.115, IN TRIGO, 2005)

Neste estudo será considerado o modelo de sistema de turismo desenvolvido pelo professor Mário Carlos Beni, o qual afirma que a atividade turística é um grande conjunto bem definido de relações, serviços e instalações gerados em virtude de certos deslocamentos humanos. Dentro desse grande conjunto existem subconjuntos como: transportes, alojamento, serviços de alimentação, centros de lazer e diversão, estabelecimentos comerciais relacionados, serviços complementares (agências de viagens, guias de turismo, locadoras de automóveis etc.). (2001)

O sistema de turismo proposto por Beni consiste das relações dos subsistemas integrantes de três sistemas, a saber: relações ambientais, organização estrutural e ações operacionais (Beni, 1998). O modelo é rico em detalhamento das relações que constituem o turismo, sendo um modelo útil para a compreensão holística da atividade.

Chama a atenção a necessidade das relações entre os seus componentes, posto que, no sistema de turismo, interagem as esferas ecológica, econômica, social e cultural, havendo a necessidade das relações entre estes conjuntos serem produzidas de forma sinérgica, para que o seu funcionamento não seja comprometido.

Como o sistema é alimentado por informações produzidas nessas relações, pode-se perceber a importância do elemento humano no processo de seu funcionamento. Assim, a comunicação harmônica e adequada entre os atores do processo se impõe como uma ferramenta que auxilia a gestão da atividade turística.

São muitas as áreas envolvidas diretamente com o turismo, portanto, elas devem ser entendidas e planejadas como um conjunto em que suas ações tenham um objetivo comum e sejam desenvolvidas em consonância umas com as outras para que os resultados sejam mais interessantes e com bases sustentáveis.

Hoje, o conceito de turismo sustentável é mais abrangente e transcende a preocupação centrada na conservação e manejo do meio ambiente e recursos naturais, incluindo os aspectos de comercialização, *marketing*, qualidade, produtividade e competitividade dos bens e serviços turísticos. Além desses aspectos, a análise das dimensões do Turismo dentro do planejamento estratégico regional e ação política integrada constituem a expressão concreta desse conceito, desenvolvida amplamente no SISTUR. (BENI, 1998, p. 61)

Acrescenta-se a prática da metodologia participativa, de cunho dialógico para a efetiva inclusão social e valorização cultural, o que justifica a tendência cada vez mais perceptível do turismo de base local ou endógeno.

Dentro desta perspectiva, ao buscar desenvolver a atividade turística de base local a partir de uma manifestação cultural, as Cambindas Velhas, por exemplo, o processo de comunicação para se tornar viável, precisa ser definido dentro da realidade tanto da necessidade da comunidade local, quanto da importância e significado que a manifestação cultural detém junto a ela.

Dentro do conjunto das relações ambientais, Beni (1998, p. 88), tratando sobre o subconjunto cultural diz que “os recursos turísticos culturais são, pois, os produtos diretos das manifestações culturais”.

O turismo traz uma dupla contribuição: direta, como resultado de experiência cultural que enriquece as populações visitada e visitante com a aquisição de valores que ambas possuem; indireta: que consiste no planejamento (antes da viagem) e na verificação natural de pontos de dúvida entre o turista e o visitado.

A troca cultural decorrente da atividade turística é benéfica tanto para quem se desloca na busca de lazer, conhecimento, prazer, saúde e até negócios, como também para aqueles que recebem os que se deslocam. Assim, o modo de vida de uma localidade, sobretudo naquelas que estão mais afastadas da hegemonização do capitalismo, é um grande fator de atratividade turística. Isso pode ser verificado, sobretudo, longe dos grandes centros urbanos. Em um sistema cultural modelado principalmente pelos meios de comunicação de massa, o turismo representa um tipo de ação pessoal que enriquece os conhecimentos, uma reação contra a cultura massificada e uma oportunidade para atingir um meio verbal de comunicação [...] (BENI, 1998, p. 89).

Buscar tornar a comunidade, ciente de sua importância, fazendo-se conhecer as especificidades históricas e se reconhecer naquela manifestação é de fundamental valor para se alcançar o intento. Dessa forma, no conjunto das relações ambientais do sistema de turismo, as interseções entre os subconjuntos constituem-se os espaços onde o

processo folkcomunicação deve acontecer para que o sistema seja alimentado e retroalimentado.

Para dar continuidade às reflexões teóricas, o estudo lança seu olhar para o espaço rural e o turismo.

Ao tratar de desenvolvimento da atividade turística em uma localidade, não só distante dos grandes centros urbanos, como também com característica de um ambiente rural, é importante abordar questões que tragam novas formas de ver o rural. Assim, Lins e Pires (2005, p. 49) identificam dois grandes conjuntos de fatores que influenciam na forma de enxergar o rural, a saber:

O primeiro diz respeito à perda da importância das atividades agrícolas no conjunto das atividades desenvolvidas no âmbito rural, fazendo com que o rural não possa ser identificado apenas como sinônimo de atividades agrícolas. Há, por outro lado, todo um conjunto de atividades não - agrícolas ligadas ao lazer, aos serviços, à moradia, à construção civil e a indústria que dão novos contornos ao mundo rural. O turismo através das atividades de hotel fazenda, pesque pague, festa de rodeios, festas religiosas, circuito de frio – ganha dimensão particular nos estudos sobre novas ruralidades em termos de consumo material e simbólico. (grifo nosso)

As autoras citadas, sobre o segundo conjunto, dizem que as atividades agrícolas não se limitam mais ao meio rural, envolvendo toda uma cadeia de produção desde o antes, o dentro e o depois da porteira. Isso engloba desde a forma com que um determinado produto é concebido, com ou sem agrotóxico, até mesmo como é transportado e até chegar à mesa do consumidor final. Isso permite, inclusive, agregar-lhe valor através de selos de certificação que incluem critérios referentes a qualidade, procedência, territorialidade e aspectos culturais.

Para Abramovay (2003, p. 13) é necessário “[...] que se encare o meio rural como o espaço de atividades variadas, reunindo uma multiplicidade de atores sociais e não apenas como o terreno de onde vão sair produtos agropecuários”.

A interiorização territorial do fenômeno turístico tem aproveitado as características oferecidas em cada localidade: quanto mais específicos os hábitos, peculiar o modo de vida, quanto mais rústica a produção de alimentos, mais fator de atratividade turística a localidade rural detém.

O turismo pode ser uma oportunidade para os espaços rurais que procuram uma alternativa de desenvolvimento local e, ao mesmo tempo, uma oportunidade de valorizar seu patrimônio, suas paisagens e sua cultura. As atividades do meio rural podem representar um instrumento valioso na revitalização do ambiente cultural de uma região, além de beneficiar o produtor rural com uma fonte complementar de renda, e, principalmente, contribuir para evitar o êxodo rural, melhorando a qualidade de vida dos que

vivem em diferentes localidades rurais. (NOVAES, p.29 – 30 IN REJOWSK, 2003)

Assim sendo, segundo o documento, do Ministério do Turismo do Brasil, intitulado "Diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural", a conceituação de turismo rural se fundamenta em aspectos que se referem ao turismo, ao território, à base econômica, aos recursos naturais e culturais e à sociedade. Portanto, turismo rural é “o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade”. Graziano *et all* (1998, p. 14) aceitam a definição do Ministério do Turismo quando tratam do turismo no espaço rural como

Todas as atividades praticadas no meio não urbano, que consiste de atividades de lazer no meio rural em várias modalidades definidas com base na oferta: turismo rural, agroturismo, turismo ecológico ou ecoturismo, turismo de aventura, turismo de negócios, turismo de saúde, turismo cultural, turismo esportivo, atividades estas que se complementam ou não.

Já Zimmermann (2000, p. 129), conceitua o turismo rural “[...] como todas as atividades turísticas endógenas desenvolvidas no meio ambiente natural e humano”. Esta definição é bastante abrangente e, quando comparada a outras modalidades de turismo, verificam-se vários pontos em comum. Também Tulik (2003) afirma que o turismo rural deve estar ligado às características próprias do meio, à paisagem, ao estilo de vida e à cultura rural.

O turismo - considerado como atividade complementar a adequar-se às atividades produtivas tradicionais, e fora do espaço urbano - é visto como um agente promotor do desenvolvimento sustentável na medida em que propicia o intercâmbio entre populações urbana e rural, e se constitui em fonte de renda e empregos para a mão-de-obra local - podendo contribuir para a redução do êxodo rural, para estimular o consumo de vários produtos, para desenvolver atividades complementares, para servir de canal de distribuição para os produtos locais, para propiciar a valorização das atividades rurais antes ameaçadas e para beneficiar a comunidade através de melhorias em infra-estrutura. (RUSCHMANN e ZIMMERMANN, 2000).

As estratégias de desenvolvimento para o turismo rural devem levar em consideração a grande diversidade presente no meio rural brasileiro e valorizar as potencialidades de cada local. Para Abramovay (2003, p. 75) o grande desafio “[...] é descobrir os potenciais de geração de renda existentes num determinado território e que

vão muito além daqueles contidos estritamente no crescimento da agropecuária”. Ao ampliar este conceito, os desafios não se restringem em descobrir formas de gerar renda, mas, também, de desenvolver a cidadania, de fazê-los compreender a sua história, valorizar sua cultura, orgulhar-se de pertencer àquele grupo e perceber que se trata de uma atividade como o turismo pode mitigar os efeitos de uma economia excludente.

1.3 Desenvolvimento local e turismo de base local

1.3.1 Desenvolvimento local

É em meio a uma crise social, ambiental e econômica em um contexto globalizado e neoliberalista que surgem discussões sobre os modelos de desenvolvimento.

Ao final da década de 80, em um cenário onde fatores como a mundialização dos mercados, o incremento das políticas neoliberais, a crise do emprego, do Estado e o agravamento do processo de exclusão social que marcaram os anos 90, provocaram um redirecionamento nas políticas de desenvolvimento e no papel de diferentes atores (SANTOS, 2005) começa a ganhar espaço o conceito de desenvolvimento local, que prega a utilização das energias endógenas, considera as potencialidades do local como ferramenta de desenvolvimento centrada em perspectivas de inclusão social, preservação / conservação ambiental e justa distribuição de renda.

É mediante um contexto de mudanças de paradigmas que surge o enfrentamento entre o global e o local, dando lugar a um novo conceito de desenvolvimento: aquele que parte do local. Sobre isto, Paulo de Jesus (2003, pág.72) afirma que se está perante uma iniciativa ou um processo de desenvolvimento local quando se constata a utilização de recursos e valores locais, sob o controle de instituições e de pessoas do local, resultando em benefícios para as pessoas e o meio ambiente do local.

Ele assevera que este modelo de desenvolvimento deve ser entendido como um processo que mobiliza pessoas e instituições buscando a transformação da economia e da sociedade locais, criando oportunidades de trabalho e de renda, superando dificuldades para favorecer a melhoria das condições de vida da população local. (JESUS, 2007, p.25)

Rogério Amaro (1993) afirma que o desenvolvimento local é centrado numa comunidade, isto é, o ponto de partida, de referência, é a própria comunidade local: local enquanto resultado de uma construção de identidades - um conjunto de interesses que se identifica e assume onde são mobilizáveis ações de solidariedade concretas.

É na perspectiva de um desenvolvimento endógeno, ou seja, a partir das potencialidades e recursos internos, que Sallet Santos (2005, p. 11) afirma este modelo como “uma estratégia que facilita a conquista da sustentabilidade, pois leva à construção de comunidades humanas sustentáveis”.

Para ser construído, o desenvolvimento local deve envolver diversos fatores como renda, desenvolvimento humano e meio ambiente, que necessitam estar inter-relacionados e convivendo de forma sinérgica para que favoreçam a uma mudança social, que pode ser alcançada a partir da compreensão de que o desenvolvimento local é fruto de um movimento coletivo, cujo objetivo não é apenas o crescimento econômico, mas é entendido como um movimento que traz consigo benefícios a coletividade.

[...] o desenvolvimento é o movimento sinérgico que consegue estabelecer uma estabilidade dinâmica em um sistema complexo, no caso, uma coletividade humana. Crescimento é movimento. Mas movimento não pode ser reduzido a crescimento. Crescer é importante, mas tem limites relativos aos valores de outras variáveis (FRANCO, 2005, p.6).

Diante da afirmação de Augusto de Franco, percebe-se que existem muitas variáveis envolvidas na matriz de desenvolvimento de base local, assim o modelo reducionista e excludente fruto do capitalismo globalizado perde força quando se pensa em desenvolvimento do local para o global, não mais do global para o local. Nessa perspectiva Buarque (2006) aponta o desenvolvimento local como um processo de transformações internas de uma determinada população em um dado espaço. Nessa matriz, as potencialidades locais devem ser consideradas com a intenção de promover uma mudança social no território. Assim, a matriz de desenvolvimento sob a égide do local para o global requer a participação popular, pois, quando a participação popular sobressai a elite, das velhas identidades nacionais, em que o povo participa efetivamente da construção de sua cidadania, isto pode levar ao desenvolvimento local. (SANTOS, 2002)

Maria Luiza Pires (2005) destaca a participação dos atores locais no processo de desenvolvimento através de sua capacidade de ação e articulação, em um momento em

que preocupações típicas do Estado passam a ser assumidas conjuntamente com a sociedade (PIRES, 2005). Ela traz para o conceito de desenvolvimento local a idéia de valorização do patrimônio histórico cultural de um dado território capaz de, como observa José Eli da Veiga (2002), subsidiar muitas atividades econômicas desde que consiga envolver os atores locais. Para Veiga, o patrimônio não se limita à materialidade física das paisagens ou da arte, mas, incorpora de igual modo, bens imateriais ligados a tradições locais, artesanato, culinária e a própria imagem do território, sendo capaz, inclusive, de favorecer a construção de uma marca identitária.

Como adiante se verá, a pesquisa, portanto, incorpora ao conceito de turismo de base local o conceito de desenvolvimento local com tudo o que ele engloba, como por exemplo, inclusão e participação social, energias endógenas, potencialidades, territorialidade e valorização do patrimônio histórico cultural.

1.3.2 Turismo de base local

Para que o sistema de turismo funcione na perspectiva do desenvolvimento local, deve-se ter como principal objetivo a sustentabilidade turística, que é definida por Pires (1998) como as abordagens que resultam do interesse e da preocupação em conceber o turismo sob a ótica do desenvolvimento. Assim, entende-se como possível alcançar o desenvolvimento turístico para se alcançar uma efetiva sustentabilidade, uma vez que esta pressupõe atender as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as futuras gerações atenderem às suas próprias necessidades.

Este estudo traz reflexões sobre o turismo endógeno ou turismo de base local da forma como definido por Beni verbalmente, no IX Encontro Nacional de Turismo de Base Local, em João Pessoa, PB, no ano de 2006, como:

O deslocando em grande parte o fluxo turístico dos grandes centros urbanos e cosmopolitas para áreas locais com expressivo patrimônio histórico-étnico-cultural, em que podem ser vivenciadas experiências mais autênticas e genuínas, sem interferência do cunho comercial, da opressão da obrigação de consumir, das tensões dos conglomerados urbano-industriais, do ter para ser, com o apelo simples de viver ainda não impregnado por artificialismos e tensões dialéticas.

Neste conceito encontram-se possibilidades de desenvolvimento turístico a partir das especificidades locais, sempre considerando a participação efetiva da comunidade no processo. É fundamental que a comunidade entenda que desenvolvimento vai muito além do que é crescimento (que dá prioridade a questões individualizadas, como retorno

imediate do investimento e, por vezes, segrega a população de contexto popular). Assim, a busca do desenvolvimento local - que na concepção de Buarque (2006) pode ser conceituado como um processo endógeno de mudanças, que leva ao dinamismo econômico e à melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos - pode ser encontrada no turismo endógeno, ou de base local.

A diferença entre crescimento e desenvolvimento³ fica muito clara quando se considera o pensamento de Jara (1998), de que o desenvolvimento precisa ir além da simples progressão material, devendo promover a justiça, o acesso à informação, à educação e o enriquecimento de toda a sociedade envolvida no processo, considerando-o uma metodologia de amadurecimento cultural e social. Repensar o desenvolvimento a partir da construção do capital cultural existente em uma comunidade, também é contribuir para o estímulo solidário ao buscar ações coletivas que fortaleçam o uso comunitário dos recursos presentes, tendo em vista que a valorização da cultura local pode propiciar a sua auto-confirmação, identidade e melhorar as forças produtivas.

Segundo estudos de cenários apresentados pela Organização Mundial de Turismo (OMT), as tendências mundiais da atividade apontam para uma demanda por produtos personalizados e com alto grau de flexibilidade. Isso requer uma integração dos diversos co-produtores do turismo na busca de uma sincronia e sinergia entre os diversos elos, embora nem sempre seja possível estabelecer o arranjo em cadeia conseguido pela indústria por ser caracterizada por arranjos em disposição seqüencial.

[...] Por isso, uma das primeiras atuações que é preciso levar a cabo na fase de implementação é a sensibilização geral de todos os agentes com o objetivo de estabelecer um modelo de planejamneto sustentável de consenso, assim como lograr o compromisso de atuar em unísono. [...] O primeiro motor, o estratégico sustenta o mecanismo e o impulsiona. Congrega os agentes suas percepções e valores, de modo que, através de uma plataforma público-privada, estabeleça as bases de cooperação entre todos a favor do destino, mobilize o consenso sobre o modelo de desenvolvimento e lidere o processo de desenvolvimento sustentável. (VALLS, 2006, p. 70; 150)

Dessa forma, atuar com um único discurso, visando um único objetivo através de sensibilização e da parceria público, privada e comunidade, pode-se chegar às bases

³ Marina Ceccato Mendes afirma que a diferença é que o *crescimento* não conduz automaticamente à igualdade nem à justiça sociais, pois não leva em consideração nenhum outro aspecto da qualidade de vida a não ser o acúmulo de riquezas, que se faz nas mãos apenas de alguns indivíduos da população. *O desenvolvimento*, por sua vez, preocupa-se com a geração de riquezas sim, mas tem o objetivo de distribuí-las, de melhorar a qualidade de vida de toda a população, levando em consideração, portanto, a qualidade ambiental do planeta.

adequadas ao desenvolvimento da atividade turística socialmente inclusiva, ambientalmente ética e economicamente viável.

As experiências bem sucedidas de desenvolvimento local endógeno decorrem, quase sempre, de um ambiente político e social favorável expresso por uma mobilização e, principalmente, convergência importante dos atores sociais do município ou comunidade em torno de determinadas prioridades e orientações básicas de desenvolvimento. (CASTELLS e BORJA, 1998)

Acrescente-se, também, a importância do envolvimento da academia para que as ações sejam baseadas em pesquisas de mercado e à luz da metodologia participativa, para que a reordenação territorial, necessária em todo projeto de desenvolvimento local, seja sustentável e planejada a partir dos interesses coletivos da comunidade local como um todo. O que se pretende é um novo padrão de desenvolvimento que corresponda à melhoria da qualidade de vida a curto, médio e longo prazo e não mais a “racionalidade da acumulação e do consumismo” (BENI, 2006).

É nesse contexto que surge o chamado turista viajante que, de acordo com Murta (2002, p. 150) “é puxado pela curiosidade, enquanto que o turista comum pelo lazer a qualquer preço, o viajante vem ver a realidade como ela é, enquanto que o turista de consumo vem ver a realidade inventada para ele”.

O turista viajante aparece em detrimento do turista de consumo, que se satisfaz com o lugar-comum e para quem basta a curiosidade simples e um manual de viagens que possibilite o conhecimento de aspectos culturais gerais.

Enquanto se percebe uma mudança motivacional entre o turista de consumo e o turista viajante, tem-se a questão da qualidade do produto turístico, fruto de um sistema caracterizado pela extrema interdependência, heterogeneidade, variabilidade, intangibilidade, perecibilidade, dispersão espacial e uma fragmentação que ao mesmo tempo em que separa é capaz de integrar.

Pode-se perceber que as relações construídas primam pela inserção social, aproveitamento das potencialidades endógenas, integração das lideranças, público, privada, comunidade e turistas em busca de um objetivo comum. Assim, Haveri (1996, p.4), diz que “as comunidades procuram utilizar suas características específicas e suas qualidades superiores e se especializar nos campos em que têm uma vantagem comparativa com relação às outras regiões”.

O que se deseja através desses princípios é garantir a qualidade de vida de todos os envolvidos, a partir das potencialidades endógenas e a consequente

sobrevivência da atividade turística como atividade social e econômica. Atingindo-se este objetivo, pode-se caracterizar o turismo de base local.

A participação popular, na perspectiva do desenvolvimento local a partir do turismo é fundamental para a manutenção da dinâmica da sustentabilidade, portanto, ela só se dá através de um processo comunicacional abrangente e adequado a realidade dos atores locais. Entendemos, à luz dos problemas levantados neste estudo, que a Folkcomunicação, enquanto comunicação em âmbito popular, nos sirva, perfeitamente para subsidiar a compreensão de desenvolvimento local a partir do turismo.

1.4 Folkcomunicação

Como já foi abordado, o desenvolvimento sustentável de uma localidade a partir do turismo envolve uma “engrenagem” chamada sistema de turismo, que é alimentado e retroalimentado por informações capazes de fomentar a participação popular, despertar o sentimento de pertencimento nas comunidades receptoras, bem como dar suporte a tomadas de decisão. Dessa forma, acredita-se que a comunicação possui um papel fundamental nesse contexto de desenvolvimento, sobretudo na esfera das relações sociais.

No caso do ambiente turístico o conjunto das relações ambientais onde se desenvolvem as relações sociais, econômicas, ambientais, ecológicas e culturais requer condições favoráveis de comunicação que possam ser, de fato, eficazes ao processo de desenvolvimento local.

Encontrar uma forma de comunicação viável e que atenda as características dessa “engrenagem” não é tarefa fácil, pois, comunicar não é apenas tornar conhecido. Vai além disso, posto que:

compartilhar, pormos a nós mesmos como seres ativos desse processo, posto que cada mensagem se codifica e decodifica a partir da realidade individual. Comunicação provém de comunhão: Comum união. Por ela, compreender o processo da comunicação resulta fundamentalmente na compreensão de todo processo do fenômeno social, porque é nele que se mostram comuns as individualidades, histórias, sentimentos, valores, modos de ver o mundo e circunstâncias das pessoas que fazem a sociedade. E essas pessoas cada vez que se comunicam, fazem uma comum união de toda essa informação, que é nada más nada menos que as mensagens que circulam diariamente, em qualquer lugar de qualquer sociedade do mundo. (GUZMÁN, 2007).Grifo nosso

Se por um lado, mediante a força e a facilidade de expansão da informação - através dos continentes, e para públicos heterogêneos, por meio do modelo de comunicação massivo aliado ao processo de globalização - foi atribuída a estes a

responsabilidade de influenciar o enfraquecimento ou até mesmo o fim das culturas populares, por outro, constata-se que mesmo com toda a força dos meios de comunicação de massa, a cultura popular tem resistido, e em muitos casos tem se fortalecido e é neste contexto que a Folkcomunicação entendida

como uma disciplina que estuda os processos pelos quais os símbolos gerados de forma espontânea, pelas culturas denominadas subalternas ou marginalizadas dos meios oficializados da comunicação, passaram e passam atualmente devido às modificações ocorridas na sociedade e principalmente referentes aos impactos midiáticos. (MELO, 2005, p. 74)

É importante salientar que a folkcomunicação está intrinsecamente ligada ao folclore e as culturas populares. Em outras palavras, Beltrão estabelece a relação entre folclore e comunicação, sendo o folclore a representação das manifestações culturais protagonizadas pelas classes subalternas, a folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de procedimentos próprios de difusão simbólica para expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural. (MELO, 2008).

Dessa forma, a folkcomunicação não é apenas o estudo das teorias de cultura popular e de folclore mas, conforme afirma Holmfeldt (2002, p.25) estuda os procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou folclore se expandem, se socializam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações sob a influencia da comunicação massificada e industrializada.

Os primeiros estudos sobre folkcomunicação são atribuídos ao jornalista Luiz Beltrão de Andrade Lima, primeiro doutor em comunicação no Brasil, Beltrão, em sua teoria, levou em conta as tradições populares, analisou a comunicação popular como manifestação própria de um determinado grupo cultural. Sua perspicácia levava-o a mostrar a folkcomunicação como um potencial estratégico para o diálogo com as classes marginalizadas e não apenas como “objeto de curiosidade, de análise mais ou menos romântica e literária” (GOBBI, 2006, p. 71)

De acordo com Corniani e Balogh Junior (2006, p. 580), Beltrão apoiou-se nos ensinamentos do pesquisador austríaco, naturalizado norte- americano, Paul Felix Lazarsfeld, para dar início aos estudos da folkcomunicação. Lazarsfeld definiu o processo comunicacional em duas etapas: a do comunicador ao líder de opinião e deste ao receptor. Ou seja, neste esquema a mensagem passa por um intermediário, o líder de opinião, antes de chegar até sua audiência final.

Assim, no processo folkcomunicacional, Beltrão identifica uma fonte que transmite uma mensagem através de um canal, neste caso os meios de comunicação de massa, chegando até uma audiência, onde estão contidos os líderes de opinião, estes intitulados por Beltrão como líderes-comunicadores. Em um processo comunicacional padrão (fonte-mensagem-canal-receptor) o fluxo pararia por aqui. Mas no processo folkcomunicacional, neste ponto se inicia um novo ciclo no fluxo da mensagem. Os líderes se tornam comunicadores e transmitem uma mensagem através de um canal folk, chegando então ao que Beltrão intitulou de audiência folk. (CORNIANI e BALOGH JUNIOR, 2006, p. 580)

Foi dentro desta perspectiva que se deu início aos estudos do gênero folk, as pesquisas privilegiavam a decodificação da cultura de massa, ou seja, leituras simplificadas da cultura erudita feitas pelos veículos rudimentares em que se abastecem simbolicamente os seguimentos populares da sociedade. (*op. cit.*). Portanto, é através da folkcomunicação que as manifestações culturais podem se tornar objeto de estudo e de pesquisa.

A folkcomunicação passa a estudar as brechas deixadas de lado pelos investigadores de comunicação, que até então ignoravam ou não tinham percebido a função dos comunicadores *folk* nas redes de comunicação cotidiana – interpessoais – como decodificadores de certos fluxos de mensagens dos meios massivos e o papel desses agentes culturais na apropriação, decodificação e incorporação das narrativas midiáticas para um nível de maior alcance e compreensão da audiência popular. Ou seja: o público receptor da mensagem massiva é heterogêneo, notadamente no que diz respeito à cultura; desse modo, o conteúdo latente da comunicação não é captado por uma parcela significativa da audiência, à qual falta aquela experiência comum que condiciona a sintonização entre comunicador e receptor. A diferença do processo do diálogo interpessoal/intergrupar direto, a industrialização da mensagem massiva não permite a imediata correção, reformulação ou adequação à capacidade receptiva do indivíduo que a consome (BELTRÃO, 1980, p. 29).

1.4.1 O processo folkcomunicacional

No processo folkcomunicacional, os líderes são responsáveis por transmitir a mensagem à audiência folk, Para Roberto Benjamin, o processo folkcomunicacional, para que seja completo, deve desenvolver-se em seis etapas a saber:

1. a produção da mensagem: a comunicação;
2. a recepção: a mediação dos canais folk para a recepção da comunicação de massa;
3. produção: a apropriação de tecnologias da comunicação de massa, e uso de canais massivos por portadores da cultura folk;

4. recepção dos efeitos: a presença de traços da cultura de massa absorvidos pela cultura folk;
5. produção dos efeitos da mensagem: a apropriação de elementos da cultura folk pela cultura de massa e pela cultura erudita (projeção do folclore);
6. recepção dos efeitos: a recepção na cultura folk de elementos de sua própria cultura processados pela cultura de massa.

A folkcomunicação (BELTRÃO, 1980) é uma teoria que permite observar os processos comunicacionais que ocorrem nas manifestações de cultura popular e também no interior das comunidades “folk”, isto é, comunidades que vivem, no seu dia-a-dia, as manifestações de cultura popular. Seu modo de vida, suas ações e seus valores estão interligados com a própria manifestação de cultura popular. Para tanto, neste processo a figura do líder de opinião, a audiência, tem o papel de mediar a mensagem para que a mesma chegue a audiência de folk com princípios e normas estabelecidas pelo seu grupo, em outras palavras “a mídia consegue mobilizar a atenção coletiva dos usuários, mas seus efeitos são mediados por líderes de opinião que filtram as mensagens segundo os padrões consensuados nos grupos primários” (BELTRÃO, 2001, p. 14).

Oswaldo Trigueiro (2008) afirma que os estudos em comunicação não podem mais ser desenvolvidos sem a indissociabilidade da cultura da mídia e da cultura popular. Comunicação e cultura devem ser estudadas juntas, porque representam realidades muito próximas, são campos multidimensionais e integrativos.

Quanto ao desenvolvimento local a partir do turismo verifica-se que as localidades turísticas já se utilizam da cultura nela existente. Como o turismo valoriza o diferente, a identidade local na maioria das vezes, se utiliza da folkcomunicação. Exemplos disso são quando usam a renda renasença no folder para promover a feira, quando usam os caiporas para promover o carnaval, quando pintam a porta do restaurante imitando a renasença, quando os desfiles se apropriam da renasença e transformam roupas de grife, quando o governo federal usa literatura de cordel para fazer material educativo, quando usam xilogravura, estão usando a folkcomunicação na busca de atingir o seu intento.

Ao usar esse tipo de comunicação, associando-a a dinâmica do sistema de turismo, percebe-se que a linguagem popular precisa ser respeitada para o sucesso do destino, como se pode verificar em Schmidt (2007, p. 34) “A teoria da folkcomunicação abarca os processos comunicativos não hegemônicos voltados para a comunicação com

um mundo em múltiplos processos”. Assim, a folkcomunicação entra como elemento de articulação entre o poder público, a iniciativa privada, a cultura e os turistas de modo a fomentar o desenvolvimento do município estudado.

1.4.2 Folkcomunicação turística

Para entender a folkcomunicação turística, recorre-se, então, à busca do entendimento sobre a relação entre turismo e cultura, e a partir desse entendimento tem-se o ponto de partida para alcançar o que seja folkcomunicação turística.

No que diz respeito à cultura, Geertz (1989) afirma que o homem é um animal amarrado a teias de significados por ele mesmo. A cultura seria este emaranhado de teias e as consequentes análises que são construídas ao longo do tempo por seus componentes, compreendendo-a através de seu aspecto semiótico, que se constitui como uma ação simbólica repleta de significados.

Em se tratando de Brasil, Gobbi (2007) afirma que nossa cultura é resultado de um Brasil de fusões e intercâmbios, de culturas antigas, como as indígenas, as africanas, as migrantes (japonesa, italiana, alemã etc.) e da própria movimentação populacional de norte a sul, de leste a oeste deste país de dimensões continentais.

Diante da diversidade cultural, o turismo, enquanto fenômeno sociocultural e econômico é capaz de gerar impactos positivos e negativos de diferentes magnitudes.

A intensidade desses impactos costuma ser dividida em áreas nas quais o turismo tem influência: na economia local, regional, nacional ou mesmo internacional; no meio ambiente, seja ele natural ou artificial; e na esfera sociocultural, o que abrange fatores comportamentais dos turistas e da comunidade receptora e as inter-relações do turismo com as diversas tradições e culturas das regiões visitadas. (GOMES, 2007)

Segundo Gobbi (2007), percebe-se, na atualidade, a busca de ações que evidenciem costumes, credos e outras formas de participação social, presentes em manifestações diversas e que repercutem intensamente nas camadas mais populares. São formas culturais de um orbe específico e singular, mas não individual, incorporadas ao universo simbólico das comunidades periféricas, formando um mosaico de revelações singulares, mas não únicas, que rompe o isolamento social a que comunidades inteiras são submetidas por conta da chamada globalização. Usando esta afirmação como lastro do fenômeno turístico da atualidade, em que o movimento de turistas tem apontado na direção do consumo das especificidades locais vale pontuar que:

O ato de consumir não se resume à aquisição de produtos. O consumo não é apenas a realização irracional de desejos fúteis, o ato de consumir envolve processos sócio-culturais mais amplos, onde se dá sentido e ordem à vida social e, principalmente, onde se constroem as identidades neste mundo pós-moderno. Consumir seria, nesse contexto, um investimento afetivo e não um simples gasto monetário; os bens, por sua vez, seriam acessórios rituais, dando sentido ao fluxo simbólico da vida social. [...] Consumir é tornar mais inteligível um mundo onde o sólido se evapora. (CANCLINI, 1996, p.58).

No contexto da globalização, Melo (2005) afirma que costumes, tradições, gestos e comportamentos de outros povos, próximos ou distantes, circulam amplamente na aldeia global. Da mesma forma, padrões culturais que pareciam sepultados na memória nacional, regional ou local e ressuscitam profusamente, facilitando a interação entre gerações diferentes, permitindo o resgate de celebrações, ritos, ritmos ou festas aparentemente condenados ao esquecimento. É nesse cenário que a cultura, através das diferenças regionais e locais se constitui em uma oferta turística que se materializa através de um produto derivado das diferenças histórico-geográficas-culturais. (GOBBI, 2007)

A cultura popular é amoldada e transformada pela indústria cultural para fins de manipulação de uma classe, e o turismo se apropria disso, de algo já traduzido, utiliza para atrair a demanda desejada e, dessa forma manter o sistema alimentado. Portanto, é fundamental ter o cuidado de não se valer de uma visão reducionista e confundir a folkcomunicação apenas com um espetáculo que possa atrair turistas, mas, compreendê-la na sua totalidade e buscar possibilidades de sua utilização como alicerce para uma metodologia de gestão turística adequada à sustentabilidade.

Para legitimar-se socialmente e para conquistar os mercados constituídos por cidadãos que não assimilaram inteiramente a cultura alfabética, a indústria cultural brasileira necessitou retroalimentar-se continuamente na cultura popular. Muitos dos seus produtos típicos, principalmente no setor do entretenimento, resgataram símbolos populares, submetendo-os à padronização típica da fabricação massiva e seriada. Em função disso, os discípulos de Beltrão descortinaram a folkmídia. Ampliaram o raio de observação dos fenômenos folkcomunicacionais, não se limitando a analisar os processos da recodificação popular de mensagens da cultura massiva, mas também, rastreando os processos inversos, de natureza folkmidiática, ou seja, pesquisando a apropriação de bens da cultura popular pela indústria cultural (tanto os meios de comunicação coletiva quanto os aparatos do lazer massivo, principalmente o turismo) (MELO, 2008, p. 18) grifo nosso.

É importante entender o processo folkcomunicacional para o turismo não apenas como estratégia para ampliar o contingente de viajantes em um determinado destino, mas que pensemos que a folkcomunicação turística precisa se alicerçar na perspectiva de traduzir uma história específica, um ritmo diferente, as peculiaridades históricas, a cultura de um povo, para que os mesmos se materializem como a oferta

turística das localidades e que informações sobre essas diferenças cheguem até o receptor da mensagem de forma a atraí-los para consumir, de forma sustentável, o diferente, o singular.

Por outro lado, vale salientar que as manifestações culturais, enquanto atrativo turístico, precisam ser trabalhadas de forma que não sejam impactadas por legiões de turistas movidos a se deslocarem em razão da influência dos meios de comunicação de massa. Nesse sentido, referindo-se ao folclore e ao turismo, Breguêz (sd) assevera:

Se mantido como atração turística, haveria a seleção de apenas alguns grupos, nem sempre os melhores, que passariam a ser uma espécie de figurinhas de presépio, fazendo o show pelo show, sem nenhuma preocupação com a sua identidade cultural, e condenados a permanecer dentro de seus papéis decorados de marcação teatral preestabelecida, porque qualquer alteração desagradaria os empresários; Como fenômeno sociocultural o folclore não está dissociado da superestrutura da sociedade e, portanto, não pode fugir aos dinamismos próprios daquela. Se os meios de comunicação destruirão o folclore, é afirmativa difícil de fazer e, creio improvável de acontecer. O folclore passará por mudanças, pois mudanças são naturais aos fenômenos socioculturais; passará por descaracterizações, perderá a sua espontaneidade, mas se manterá como cultura de uma camada da população que não participa efetivamente da estrutura de poder da sociedade, e que existe em contraposição à cultura oficial.

Ainda sobre o assunto, Benjamin (2000, p. 121) chama a atenção para “O crescimento da atividade turística é fato e esta prática implica na comunicação interpessoal entre o turista e os membros da comunidade receptora. Uma relação que provoca de parte a parte mudanças culturais variadas, imprevisíveis e incontroláveis que passam a integrar a dinâmica da vida social”

Reconhece-se que a relação folclore e turismo é uma realidade. O turismo pode atuar como divulgador do folclore e como fonte de recursos para o crescimento da economia local, o que pode significar melhoria da qualidade de vida das camadas populares. Esta relação, porém, precisa ser avaliada no sentido de resguardar os agentes da cultura popular das pressões econômicas e políticas. (Carta do Folclore Brasileiro, 1995 apud BENJAMIN, 2000)

Ainda conforme Roberto Benjamin, [...] para o turista o folclore é somente exótico por inexistir – nos mesmos padrões – na região de onde ele procede. Para o povo, o folclore é o seu subsistema cultural, o mundo onde vive, não sendo, portanto, nem estranho, nem inusitado, nem pitoresco, nem exótico. As manifestações folclóricas, como fatos culturais, existiram, existem e existirão sem o turismo, com o turismo ou apesar do turismo. Somente pelo fato de serem tradicionais e de caracterizarem a identidade de uma região é que se tornam “atrações turísticas”.

Mediante a proposta de análise deste estudo, utilizar a folkcomunicação como elemento de articulação para o desenvolvimento turístico se traduz como vetor

imprescindível ao desenvolvimento local, uma vez que a comunicação, participação popular e o conseqüente relacionamento com a comunidade é fundamental neste processo. Portanto, é fundamental buscar o conceito e a aplicação do *folkmarketing*.

1.4.3 Folkmarketing e o destino turístico

Para que se responda às questões desta pesquisa, acredita-se que abordar uma teoria alicerçada na folkcomunicação, e no estudo da mesma, como possível meio de articulação para o desenvolvimento do turismo de base local, é interessante entender o *folkmarketing*, cabendo, de logo, abordar os conceitos de *marketing* e de *marketing* turístico.

Kotler (1999) afirma que *marketing* não é a arte de descobrir maneiras inteligentes de descartar-se do que foi produzido. *Marketing* é a arte de criar valor genuíno para os clientes. É a arte de ajudar os clientes a tornarem-se ainda melhores. Ou ainda “é um processo social e gerencial pelo qual indivíduos e grupos obtêm o que necessitam e desejam através da criação, oferta e troca de produtos de valor com os outros” (1998, p.27)

Assim sendo, o *marketing* de um destino turístico está diretamente ligado a troca, a relacionamento. “*Marketing* turístico - como afirma Kotler (*op. cit*) é um conjunto de atividades que facilitam a realização de trocas entre os diversos agentes que atuam, direta ou indiretamente, no mercado de produtos turísticos”. Estas trocas podem ser entendidas não como bens de consumo, sejam tangíveis ou intangíveis, mas também como troca de valores éticos e culturais. Sobre isso, Robert Lanquar e Robert Hollier, citados por Vaz (1999), entendem como *marketing* turístico uma série de métodos e técnicas - sustentadas por um estado de espírito particular e metódico - que visam a satisfazer melhores condições psico-sociológicas para os turistas, e mais ainda para as populações residentes, e condições financeiras para as organizações turísticas.

Com a intenção de satisfazer nas melhores condições as esferas psicológicas e sociais não só para os turistas, mas também para as comunidades receptoras, acredita-se que o ponto de intersecção pode se encontrar no *folkmarketing* definido por Lucena Filho (2007) como o *Folk* = *povo*, ajuntado à palavra *marketing* [...], resulta na expressão *folkmarketing* que, segundo uma visão genérica, significa o conjunto de

apropriações das culturas populares com objetivos comunicacionais, para visibilizar produtos e serviços de uma organização para os seus públicos-alvo. (p.85)

Para ele, as ações do tipo *folkmarketing* comportam objetivos bem definidos, além da elaboração de estratégias adequadas à situação local, porém sintonizadas com as transformações da sociedade industrial.

A dinâmica com que fluem os processos comunicacionais, na sociedade industrial, apresenta, como alternativa para as culturas populares, a integração nos cenários da sociedade do espetáculo. As manifestações folclóricas atuam como elemento de mediação/decodificação e refuncionalização, no âmbito da contemporaneidade. (LUCENA FILHO, 2007, p. 85)

Para o desenvolvimento da atividade turística de base local, o processo comunicacional é importante,—para um destino que busca se firmar através suas manifestações culturais. É aí, então, que o *folkmarketing*, de acordo com Lucena Filho, (*op. cit.*) diz que suas técnicas catalisam os elementos singulares das identidades regionais ou locais, que passam a alimentar e mobilizar os sentidos de pertencimento e valorização das tradições e dos saberes do povo.

Portanto, na dinâmica do desenvolvimento do turismo de base local, a participação popular, que é fundamental, dessa forma, para dirigir os discursos folkcomunicacionais ao contexto da sociedade massiva, tem nas técnicas do *folkmarketing* a possibilidade de gerar mensagens que atendam a estes requisitos.

2 O AMBIENTE DA PESQUISA: PESQUEIRA A TERRA DO DOCE, DA GRAÇA E DA RENDA

3.4 Conhecendo o espaço geográfico e um pouco de história

3.4.1 Conhecendo o espaço geográfico

Para iniciar uma plena compreensão acerca de Pesqueira é necessário, Inicialmente, uma contextualização geográfica para tanto, situada a 215 quilômetros do Recife (figura 01) capital do estado de Pernambuco, localizada na mesorregião do agreste e na microrregião do Vale do Ipojuca, o principal acesso a Cidade é pela rodovia federal BR 232. Limita-se ao norte com Poção e o estado da Paraíba, ao sul com Venturosa e Alagoinha, a leste com Sanharó, Capoeiras, São Bento do Una e Belo Jardim e a oeste com Arcoverde e Pedra.

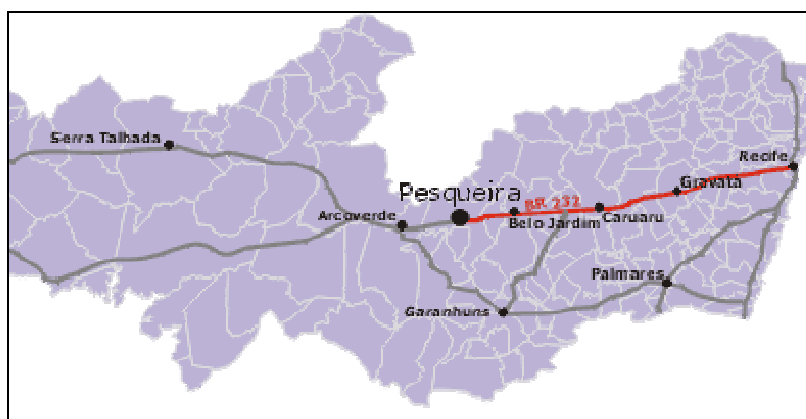


Figura 01: Mapa. Localização de Pesqueira em relação à capital, Recife
Fonte: Google Imagens

Pesqueira, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, tem uma população estimada em 64,454 habitantes, dados referentes ao ano de 2009. O cidadão que nasce no Município é chamado de pesqueirense. Sua área é de 1000,23 quilômetros quadrados, seu bioma é a caatinga. O distrito sede, localizado 654 metros de altitude, na latitude 8° 21' 28" e longitude 36° 41' 47", é cortado pelos rios Ipojuca, Ipanema e Una.

O município encontra-se na faixa de clima quente e úmido, com chuvas de inverno antecipadas para outono e temperatura média anual em torno de 23°C, mas no

período de chuva (inverno) esta temperatura cai para 15° C. Situado numa zona climática indefinida, entre os tipos quentes e úmidos, situados ao pé da Serra de Ororubá, com sinuoso relevo montanhoso e uma vegetação da caatinga hipoxerófila.

Tem sua economia na indústria, no comércio e na agricultura, nesta, destacam-se as culturas do feijão, milho, mandioca, mamona, tomate, fava e goiaba. Na pecuária leiteira forte produção com cerca de 60 mil litros por dia, sendo 60 % transformados em queijos de coalho.

3.4.2 Um pouco de História

Os antecedentes históricos de Pesqueira datam do século XVIII, estabelecendo uma linha do tempo, Segundo o IBGE (2009)

tudo começou com desbravamento da região na aldeia do Ararobá, onde incursões dos portugueses encontraram os índios xucurus, da nação dos tapuias, que habitavam a extensa serra do Ororubá ou Urubá, e os paratiós, espalhados pelos contrafortes da mesma serra. Para o trabalho de catequese, os jesuítas construíram um convento e uma capela em Ararobá. Em 1762, a aldeia Ararobá foi elevada a Vila e Sede do Município, com a denominação de Cimbres. Em 1836, a Sede foi transferida para a povoação de Santa Águeda de Pesqueira, que se originou na Fazenda do Poço de Pesqueira ou do Pesqueiro, fundada pelo capitão-mor Manoel José de Siqueira em 1800. Em 1893, instalou-se o Município com o nome de Pesqueira. (GRIFO NOSSO)

De acordo com Gilvan de Almeida Maciel, em seu livro intitulado “Crônicas da pátria pesqueirense” Pesqueira tem seus antecedentes na Vila de Cimbres que foi declarada Vila em 03 de Abril de 1762 pelo Ouvidor Geral e Desembargador da Comarca das Alagoas, Manoel Gouveia Álvares, sendo, no mesmo ato, criado o termo de distrito, revisto posteriormente em 1834.

A criação da Vila foi confirmada pela Carta Régia de 27 de Abril de 1786. A atual cidade de Pesqueira originou-se aos pés da Serra do Ororubá, em 1800 com a fundação da fazenda do Poço de Pesqueira ou de Pesqueiro, onde foram edificadas uma casa para residência de seu fundador, outras para moradores e uma senzala, o que permite constatar a presença de pessoas escravizadas já na fundação do município. Também foi edificada uma capela. Seu nome deu-se em virtude da existência de um poço, o que futuramente legou ao município o nome de Pesqueira. (2008)

Na trajetória histórica de Pesqueira, verifica-se, segundo Maciel (2008) que Manoel José de Siqueira preparou sua fazenda para ser a futura sede do termo, criando

uma estrutura urbana audaciosa para a época, onde se destacavam as casas de sobrado, casa de hospedagem e outras comodidades, a ponto de ali, a partir de 1812, as reuniões serem realizadas pelos ouvidores das comarcas do Sertão. O local alcançou um nível de desenvolvimento que suplantou Cimbres, à época vila e sede administrativa, assim, pouco a pouco os ofícios públicos foram transferidos para a Fazenda do Poço de Pesqueira, até que em 13 de Maio de 1836 a Lei Provincial número 20 transferiu definitivamente a sede da vila.

Dentro deste contexto, a evolução da Vila se deu através da seguinte trajetória:

O Distrito de Pesqueira foi criado pelas Leis Municipais de números 1 e 4, datadas de 25 de novembro de 1892 e 04 de março de 1893, respectivamente. Antes porém, em 1833, foi o 3 (terceiro) Distrito de Paz do Termo de Cimbres, de função meramente judiciária e cuja criação decorreu do novo Código de Processo Criminal instituído naquele ano. A freguesia de Sant'Águeda foi criada pela Lei Provincial número 966, de 25 de junho de 1870, servindo de Matriz, provisoriamente, a antiga capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens até a conclusão, em 1889, da igreja matriz de Sant'Águeda, hoje, catedral da Diocese de Pesquiera. A Comarca foi instituída pela Lei Provincial número 1.057, de 07 de junho de 1872. Segundo vários historiadores, Pereira da Costa à frente, Cimbres foi a cabeça da Comarca do Sertão, criada pelo Alvará de 15 de janeiro de 1810, [...]. Oito anos depois de criada a comarca, foi elevado a categoria de cidade pela Lei número 1484 de 20 de abril de 1880, com o nome de Santa'Águeda de Pesqueira, designação que não se popularizou e, a exemplo do que acontecera com o nome primitivo dos tempos da fazenda, ficou sendo conhecida e tratada simplesmente por Pesqueira. Em 03 de agosto de 1893 foi instalado o município ainda com o nome de Cimbres, mas com sede em Pesqueira, dentro da nova organização administrativa republicana que instituiu, oficialmente, o município com a concepção político - administrativa pela qual é hoje conhecida. Na verdade a data da criação da vila de Cimbres (03 de abril de 1762 corresponde a criação formal do município de Cimbres, o qual permaneceu até com essa denominação até 1913, quando o Conselho Municipal decidiu mudá-lo para o nome da sede, ou seja, para Município de Pesqueira. (MACIEL, 2008, p. 18-19)

Hoje em dia, administrativamente, o município é formado pelo distrito sede e pelos povoados de Cimbres, Mimoso, Mutuca, Papagaio, Salobro, Ipanema, Cajueiro, Beira Mar, Capim de Planta e Cacimbão. Entre seus filhos ilustres, destacam-se nomes importantes para a história brasileira, como o Cardeal Arcoverde (primeiro cardeal da América Latina), o Barão de Cimbres, o Barão de Vila Bela, o Conselheiro Paes Barreto e vários presidentes de províncias, além de artistas como o cantor Paulo Diniz. Anualmente, no dia 20 de abril, Pesqueira comemora a sua emancipação política. A padroeira da cidade é Santa Águeda.

A partir de 1850 o desenvolvimento da Vila se acentuou com um comercio e uma vida social intensos. Em 1907 foi inaugurada a estrada de ferro o que contribuiu

efetivamente para o desenvolvimento do município. A cidade contava com serviços impensáveis em outras comunidades interioranas, como uma eficiente iluminação elétrica, água encanada, serviço telefônico, serviço urbano de bondes de tração animal, além de uma vida social efervescente para uma cidade provinciana. Quanto a isso,

como se depreende, a vida social era ativa, sobretudo porque entre os dirigentes daquelas organizações agro-fabris havia alguns como Jurandir de Britto, Antônio Didier e José Pita, membros das fábricas Peixe e Rosa, que por suas favoráveis condições econômicas promoviam uma constante movimentação social. Para os que vivenciaram os acontecimentos pesqueirenses nos tempos de outrora, Antônio Didier, da Fábrica Rosa, conhecido por Tonhé, era um genuíno festeiro e “foi o pivô de toda a vida social de Pesqueira durante quase quarenta anos”.(MACIEL, p. 152)

Para abrigar a sociedade elitizada da cidade e seus arredores foi criado, em 1931, por um grupo de cinquenta pessoas, um clube social que passou a denominar-se o ‘Clube dos 50’, onde só entravam para participar de suas atividades aqueles que realmente pertenciam ao grupo ou seus convidados. Com o passar do tempo o clube foi expandindo o seu número de associados, mas só podiam pertencer àquele grupo as pessoas mais abastadas do município. (GALINDO, 2007)

Diante de contextos excludentes como este, a população menos abastada de Pesqueira – principalmente pequenos agricultores, índios e afrodescendentes - buscavam outras formas de lazer e entretenimento. Como a vida econômica do município era muito ativa, motivava situações que geravam segregação social, cada grupo buscando uma forma de entretenimento e de expressão cultural, assim, várias manifestações surgiram. As expressões culturais ocorriam, sobretudo, no período carnavalesco.

Ao contrário do Clube dos 50, alguns jovens do município fundaram um grupo chamado “Clube dos Radicais” que, por ser um grupo formado pela população mais simples, foi considerado mais movimentado do que o Clube dos 50.

Ao voltar ao período carnavalesco, Maciel (p. 152) afirma que “desde o início do século XX Pesqueira desfrutava de animadíssimos carnavais, com troças⁴ como o Juvenil, Os Marujos, O Botijão Misterioso, a Troça do Pirão, entre tantas outras que foram surgindo.”

⁴ Troça Carnavalesca Mista é um Clube de Frevo em menor dimensão que sai logo no início da manhã, se apresenta nas ruas do centro ou do subúrbio, até as primeiras horas da tarde. Originam-se esses grupos carnavalescos de simples brincadeiras, onde está implícito o espírito crítico dos próprios foliões, como demonstra o significado do verbo troçar: escarnear, zombar, ridicularizar; vindo assim caracterizar a psicologia desses agrupamentos. As Troças são divididas, pela Federação Carnavalesca Pernambucana em primeira, segunda e terceira categorias, havendo outras que, por não estarem filiadas, não pertencem a quaisquer divisões. São a alegria dos subúrbios, chamadas por vezes de "levanta poeira". Alegam o carnaval de rua, durante o dia, e, por vezes, se apresentam com mais luxo e melhores orquestras, que os próprios clubes carnavalescos

De tal modo, que o período momesco em Pesqueira foi se caracterizando por dois carnavais: o das elites, - que acontecia dentro de clubes fechados onde se dançavam nos bailes e *matinês* - e o das classes menos favorecidas - que se organizavam em blocos, que festejavam cada um a seu modo. Foi neste contexto que surgiram muitas agremiações no carnaval em Pesqueira, dentre elas as Cambindas Velhas, em 1909.

As Cambinas Velhas eram outro tipo de carnavalescos, que também se valiam das memórias dos antepassados para os reverenciarem de modo alegre e festivo durante esse período. Todos esses e mais alguns grupos de caboclinhos, barcamarteiros, cangaceiros, reeditavam, naquele período de festa espontânea que é o carnaval, as mais legítimas tradições de uma localidade e isto era vivido pelo povo mais simples, que contribuía, assim, com a cultura local, expressa em forma de divertimento.(GALINDO, 2007, p.104)

Outras agremiações⁵ importantes para o carnaval de Pesqueira também surgiram assim. Sobre elas, Galindo (2007, p. 104) afirma que

O Lira da Tarde, como exemplo, era um bloco que saía do reduto mais humilde da cidade arrastando numerosos foliões. Os Caiporas, outro antigo grupo carnavalesco, representavam uma lenda existente que nas serranias de Ororubá existiam seres de rostos irreconhecíveis, que andavam pelas suas chapadas amedrontando os caçadores que por ali se aventuravam em perseguir a fauna do local. Eram verdadeiros guardiões da mãe natureza. Esses foliões, enquanto brincavam o tríduo momesco, prestavam uma homenagem a esses seres lendários.

Quando os trilhos da estrada de ferro estenderam-se até o Sertão do Estado, Pesqueira perdeu a preeminência mercantil regional, que perdurou de 1870 a 1920:

o grande marco para o avanço do município se deu no início do século XX, cujo impulso comercial sobreveio com a chegada dos trilhos da linha férrea *Great Western (Great Western of Brazil Railway Limited)*, que primeiro alcançou Caruaru e São Caetano em 1895, depois Tacaimbó em 1896, Belo Jardim e Sanharó em 1906 e, por fim, chegou a Pesqueira em 1907. E durante cinco anos não houve prolongamento das linhas. (SETTE, 1956, p. 56)

Sendo a última parada para o Sertão, a estação ferroviária de Pesqueira estimulou o comércio da cidade, pois, todos que iam ou vinham das cidades sertanejas, obrigatoriamente precisavam parar na estação de Pesqueira, transformando o local em um efervescente centro comercial.

⁵ De acordo com o dicionário Aurélio, agremiação é um s.f. Ajuntamento, reunião. / Grêmio, associação.



Foto 01: Estação ferroviária de Pesqueira em 2002
Fonte: Luiz Ruben F. de A. Bonfim

A fase efervescente da atividade mercantil em Pesqueira começou a declinar a partir de 1912 conforme Galindo (2007, p. 58)

A continuação dos trilhos da linha férrea *Great Western* em direção ao Sertão, em 1912, passando na povoação de Olho-d'água-dos-redos, que hoje é a cidade de Arcoverde, fez com que o fluxo de pessoas vindas dos mais diversificados lugares diminuísse, pois Pesqueira já não era a última parada ferroviária. O avanço dos trilhos em direção ao Sertão do Estado provocou uma diminuição significativa nas transações comerciais da cidade e, em decorrência disso, o antigo reconhecimento de “despensa do Sertão” que pertencia a Pesqueira passou para a cidade de Arcoverde.



Foto 02: A estação de Pesqueira, em foto sem data.
Fonte: Acervo Wanderley Duck

Todavia, ao tempo em que o comércio declinava, outra atividade econômica começava a ganhar importância na economia do município: a industrial.

Assim, em outra fase da história de Pesqueira, percebe-se uma rápida evolução social e econômica, sobretudo com a fundação da Fábrica Peixe.

A Indústria Carlos de Brito, conhecida como Fábrica Peixe, foi a primeira unidade industrial instalada no Nordeste. Fundada, no município de Pesqueira em 1898, por Maria da Conceição Cavalcanti de Brito (Dona Yayá) que decidiu investir na fabricação de goiabada caseira. Em 1904, ela comprou tachos a vapor de fabricação inglesa e mecanizou a produção, contratando dezenas de operários. Em 1907, a Fábrica Peixe adquiriu um bonde e quatro trolés para transportar matéria-prima e equipamentos. Em

1910, recebeu, na Bélgica, o Grande Prêmio da Exposição Internacional de Bruxelas, consagrando-se como uma das maiores indústrias do Brasil. Produzia doces e creme de tomate. Na sua melhor fase, entre as décadas de 1910/1930, trouxe prosperidade ao município de Pesqueira que chegou a contar com aeroporto nacional, jôquei clube, revendedora de automóvel Ford e cinco jornais semanais. A Peixe também fez surgir concorrência, representada pelas fábricas de doces Rosas, Tigre, Touro e outras. A Rosa, por exemplo, construiu uma vila operária, coisa rara na década de 40.(PERRIER, 99)



Foto 03: Fábrica Peixe
Fonte: onordeste.com

Ainda neste período, Pesqueira não só era um município detentor de infraestrutura, oriunda da industrialização, como também, em âmbito sócio-econômico, a cidade verificou um aumento da oferta de emprego dada a viabilidade econômica que a indústria oferecia.

Em 1908, com a industrialização acentuada na Europa, a Peixe importa da Inglaterra tachos aquecidos a vapor, o que modifica toda a forma de produção dos doces, aumentando a demanda de insumos, a produtividade e também o número de operários, para os quais sempre eram abertas novas vagas de emprego. A Fábrica Rosa também investe em novos mecanismos de produção e passa a dispor, aos poucos, de turbinas a vapor, autoclaves, despoldadeiras, trituradores de frutas e máquinas de descascar goiabas. (PERES; CAVALCANTI, p. 66)

Durante as décadas seguintes, não houve declínio nas indústrias de Pesqueira, assim, já na década de 1930 o município se firmava como um dos maiores centros industriais do interior nordestino. Nessa década, as Indústrias Peixe alargaram suas pretensões fabris para além de Pernambuco, instalando fábricas no Rio de Janeiro, São

Paulo e Minas Gerais. A aspiração dos dirigentes era que a marca Peixe ganhasse os mercados do Centro-Sul e, já não se contentando apenas com a fabricação de doces e de extratos de tomate, o grupo Peixe passou a investir em outras indústrias alimentícias, como a Fábrica Sul América, a Duchen (importante indústria de biscoitos) e a Usina Central Barreiros, cuja aquisição, de expressivo valor, tinha como um dos objetivos baratear o custo do açúcar utilizado pelas suas fábricas. Em 1934 o extrato de tomate pesqueirense atingiu o mercado nacional e provocou uma grande redução na importação do produto, particularmente da Itália, como o famoso “*Pomidoro*” italiano, superado pelo extrato de tomate Peixe. As indústrias do município estavam em plena ascensão, principalmente as Indústrias Peixe, cujo administrador, Manuel de Britto, numa entrevista concedida ao Jornal Folha da Manhã, em 1938, disse ter ido a Nápoles, na Itália, para conhecer as instalações das fábricas Cyrio e observar as novidades em maquinária e tecnologia que poderia empregar nas suas fábricas. Essa era uma relevante característica dos industriais da Peixe: estavam sempre em busca das novidades do mercado. As visitas a outros estabelecimentos industriais, principalmente do exterior, os mantinha atualizados sobre os melhores e mais modernos equipamentos e novas técnicas de produção. (GALINDO, 2007)

Dada a sua importância e dimensão, a Indústria Peixe empreendeu a construção de um campo de pouso de aviões, sobre este fato Galindo (2007, p. 75) afirma que “O aeródromo [...] fora construído dentro de um padrão da aviação na época, capaz de receber em sua pista de pouso não só pequenas aeronaves, mas também aviões de porte maior e ainda contava com um amplo hangar.”

Em virtude da força industrial que se desenvolveu em Pesqueira, já no início do século XX a cidade contava com serviços impensáveis em outras comunidades interioranas, como a instalação da iluminação elétrica já em 1913, água encanada e serviço urbano de bondes de tração animal. Assim, contando com a infra-estrutura fruto do processo de industrialização, criada para atender as necessidades da sociedade pesqueirense e fez com que, no auge de sua produção industrial, entre as décadas de 1910 e 1950, Pesqueira fosse conhecida como a Atenas do Sertão.

Nos anos que se seguiram, por questões das mais diversas, as chaminés, foram pouco a pouco deixando de fumaçar, a cidade passou a ter sua economia baseada não só na indústria, que perdeu força, mas, também, na agricultura e no comércio.

Presentemente, esta pujança agrícola e comercial, com o diferencial do destaque da produção artesanal da renda de renascença, dá a Pesqueira o necessário

potencial para o turismo, um turismo de base local, a depender de se trabalhar juntas estas características.

3.5 Os índios e os negros de Pesqueira: situação de exclusão

Até aqui foi visto um pouco da história do município, em que se pôde inferir como se deu a formação da sua sociedade “branca”, da sua industrialização, da sua economia e do entretenimento. Falta, ainda, considerar as comunidades indígena e quilombola de Pesqueira.



Foto 04: índio xucuru
Fonte:Google imagens

De acordo com a Fundação Nacional de Saúde, no ano 2006 a população indígena xucuru contabilizava cerca de 9.021 indivíduos, distribuídos em 23 aldeias espalhadas pela Serra do Ororubá, além de, aproximadamente 200 famílias habitando na própria cidade de Pesqueira. (Almeida, 2000, p.52).

Antes de fixá-los no contexto em que vivem atualmente, tomemos conhecimento da situação histórica dos índios xucuru do Ororubá:

As terras do antigo aldeamento de Cimbres foram ao longo do tempo sendo invadidas por arrendatários que se apossavam das terras indígenas. No Século XIX aumentaram as invasões das terras indígenas pelos antepassados das famílias tradicionais em Pesqueira. Com a Lei de Terras em 1850, esses invasores e as autoridades provinciais passaram a pedir ao Governo Imperial

a extinção do aldeamento xucuru. A Câmara de Pesqueira em ofícios endereçados as autoridades provinciais, alegando que já não existiam mais índios xucuru e sim caboclos e da necessidade de expansão do Município, requeria continuamente as terras indígenas como patrimônio. Atendendo as insistentes solicitações, em 1879 o Governo Imperial decretou oficialmente a extinção do Aldeamento de Cimbres. Foram favorecidos os arrendatários, muitos deles vereadores e fazendeiros invasores das terras xucuru, membros da elite local com consideráveis relações na política provincial e nacional. Fugindo das perseguições famílias xucuru se dispersaram pela região, ou foram morar em terras de outros ex-aldeamentos e nas periferias das cidades. D. Josefa recordou que os seus antepassados contavam como foram enganados com bebidas e perseguidos e se dissiparam. (SILVA, 2007, p. 89-102)

Os povos indígenas, nas primeiras décadas do século XX, passaram a reivindicar a posse de suas terras e lutar pela garantia de seus direitos, através da pressão ao Serviço de proteção ao Índio, SPI, e com os xucuru não foi diferente.

O primeiro relatório oficial contemporâneo sobre os xucuru data de 1944 e foi feito por Cícero Cavalcanti, sertanista a serviço do SPI. (ANTUNES, 1973, p. 40- 43) . Nesse Relatório o sertanista citou os xucuru como moradores em várias localidades na Serra do Ororubá e que os “caboclos mais velhos” por se reunirem para realização dos seus rituais, eram denunciados à polícia como catimbozeiros pelos “brancos”, os fazendeiros invasores nas terras indígenas. Os invasores das terras indígenas procuravam reprimir as expressões de afirmação da identidade indígena a qualquer custo. (SILVA, 2007, p. 89-102)

No final dos anos oitenta, quando os xucuru se mobilizaram para reivindicar os seus direitos de retomada de suas terras, um caminhoneiro, que trabalhava em São Paulo, chamado Francisco de Assis Araújo, o Chicão, retornou para Pesqueira e, conforme os próprios xucuru, eleito pela natureza, tornou-se cacique da tribo. Com um perfil de líder não só da sua tribo, mas também junto a outras tribos indígenas, Chicão iniciou a retomada das terras dos xucuru, reocupando áreas de várias fazendas até então nas mãos de posseiros.

Quando menino tinha visto o seu povo ser escravizado, precisando de deixar de identificar como indígena para fugir às perseguições e à repressão policial, Chicão, eleito pela natureza liderava cerca de 8000 xucuru distribuídos em 28 000 hectares da Serra do Ororubá.

Acreditava que através a organização do povo em torno de uma associação com personalidade jurídica fosse o caminho certo para reivindicar a terra que lhes pertencia. Buscou, também, a organização interna do povo, incentivando que cada

aldeia tivesse nos seus representantes os líderes que discutissem com o grupo a respeito de saúde, educação, subsistência, desenvolvimento e sobre a questão territorial.

A ocupação da área de Pedra d'Água, área de preservação e de orações para os xucuru, foi o primeiro passo para a ocupação de outras áreas na Serra do Ororubá. Houve luta armada por causa da terra, morreram muitos índios. Apesar das resistências dos latifundiários, que não abriam mão das terras, os xucuru passaram a demarcar o que lhes pertencia. Transcorria o ano de 1990, que marcou também o começo das ameaças contra a liderança indígena. Em 20 de maio de 1998, Chicão tornou-se vítima da ira dos latifundiários, em 20/05/98, assassinado com seis tiros dentro da cidade de Pesqueira.

Seu filho, Marcos, assumiu a liderança do povo xucuru, mas não conteve as suas dissensões internas, que resultaram na divisão dos indígenas. Em janeiro de 2002, por questões políticas externas, o novo líder sofreu um atentado de que participaram pessoas da sua etnia. Com o “racha” na tribo, vários índios que moravam na Serra do Ororubá se consideraram expulsos e passaram a viver na periferia da cidade.

Os índios que foram para a cidade, passaram a sofrer discriminação de várias formas. Um exemplo disso se encontra na declaração prestada em entrevista à pesquisadora pela professora Helena Jatobá: *“as crianças que ‘desceram’ da serra para viver na cidade, ao irem para a escola, mantinham seus costumes e hábitos, inclusive iam vestidos como xucuru, todavia, as outras crianças os ridicularizavam e por isso desenvolveram um auto-preconceito acerca de quem de fato são, não usam mais as vestimentas de índios, tão pouco conservam os rituais da tribo.”*

Diante do exposto, pode-se entender como se relacionam os índios de Pesqueira e a comunidade “branca” do município: uma realidade de exclusão social e de pouca valorização cultural.

No decorrer das pesquisas de campo, pôde-se visitar por três vezes a comunidade de Cimbres e lá, verificou-se que além da agricultura, e dos programas sociais do governo federal, os índios da comunidade sobrevivem também da produção de renda renascença. Vendem seus produtos na feira semanal e não estão organizados para viabilizar sócio-economicamente esta atividade.

Em Pesqueira, existe uma comunidade quilombola, assentada no local denominado território dos Negros do Osso. O vilarejo é composto por casas de taipa, habitado por 115 pessoas completamente desprovidas dos serviços de saúde e saneamento básico.



Foto 05: Seu Manoel Mecena quilombola do Osso
Fonte: Flickr

Quanto à formação das comunidades quilombolas, o Diário de Pernambuco (edição de 31 de dezembro de 2008) fazia a seguinte afirmação:

Remanescentes de escravos, os quilombolas formaram-se a partir de processos diversos e não apenas de fugas e ocupações de terras isoladas e livres. Também denominados de mocambos, os quilombos podem ter sido construídos a partir do recebimento de herança, de doações e recebimento de terras como pagamento de serviços prestados aos estado. Ou de compra de terras durante e após o regime escravocrata . São grupos étnicos com trajetória, relação territorial específica e ancestralidade negra. Tem ligação com a resistência à opressão histórica. Os quilombolas guardam um patrimônio histórico cultural da origem afro-brasileira.

Os quilombolas, representam muito mais que filhos, netos e bisnetos de fugitivos das senzalas. O conceito antropológico moderno enfatiza a identidade e território dos remanescentes de quilombolas. São também considerados quilombolas descendentes de escravos que compraram, ganharam ou se apossaram de terras após a abolição. Ou que se reconhecem assim. Eles não são necessariamente negros, como considera a imaginação popular. Ao longo do tempo houve uma miscigenação racial natural - entre negros, índios e europeus.

O quilombo dos Negros do Osso, no município de Pesqueira, teve as suas terras oriundas da ocupação de territórios isolados. Ali preponderam os descendentes da escrava Manuela Bezerra, que teria sido uma fugitiva da Zona da Mata do Estado de Pernambuco, dando com que quase todos pertençam a um mesmo tronco familiar de nome Macena. Sem acontecimentos marcantes na sua história, sofrem com a miséria e o

esquecimento dos que se elegem e dizem trabalhar em favor do desenvolvimento social de Pequeira. Vivem numa precariedade que faz recordar a época das senzalas.

O primeiro contato com os “Negros do Osso” foi através de Josefa Pereira. Ela fez uma descrição da comunidade [...] chamando-me a atenção para um cenário de descaso que permeou a vida do negro no Brasil. [...] Olha, o “Osso” fica na “beira” da estrada de quem vai para a Serra da Cruz. D. Lourdes preta mãe do neguinho é uma das pessoas mais velhas que pode falar da origem daquele povo. [...]. A maioria das casas é de taipa, só tem umas duas ou três de tijolo, onde a principal característica é a pobreza, embriagues, brigas. Eles não têm terras, não tem emprego, vivem da aposentadoria dos mais velhos. Trabalham às vezes de diárias, tem quase 80 pessoas sem saneamento. A mortalidade infantil é acentuada por falta de higiene. (ARCANJO, 2006, p. 8)

Até os dias atuais a comunidade do Osso, vive em situação de miséria. Aliás, está muito claro, na cidade de Pesqueira, que as pessoas negras e índias vivem à margem do desenvolvimento social do município. É notória a divisão de classes: no centro da cidade e em alguns bairros próximos vive a sociedade “branca”; nos arredores, o bairro xucuru, para onde foram os índios que “desceram” a Serra depois do racha na tribo, um pouco mais distante, na serra do Ororubá vivem os xucuru; a comunidade dos quilombolas se situa a uma apreciável distância: no quilômetro 233 da rodovia federal, entra-se à esquerda na Fazenda Propriedade, e se anda mais sete quilômetros em estrada de terra batida, passando inicialmente pelo Sítio Jatobá de Baixo, depois por Jatobá de Cima; só então se encontra a comunidade quilombola dos Negros do Osso.

Esta situação alimenta o sentimento de invisibilidade da comunidade, invisibilidade essa que também atinge os próprios habitantes quanto às suas origens e direitos – tanto que poucos deles se arriscam a explicar a invisibilidade, nem resumir com simplicidade uma história há muito esquecida. Até bem pouco tempo os Negros do Osso não tinham consciência de constituírem uma comunidade quilombola que só agora começam a acordar para a própria identidade. (ARCANJO, 2006)

Assim sendo, a relação entre “brancos”, índios e quilombolas em Pesqueira é de extrema exclusão e falta de reconhecimento. Nas leituras complementares feitas para dar corpo a esta pesquisa, percebeu-se que todos os relatos se voltaram a personalidades pesqueirenses, pessoas cuja representatividade social e econômica foi muito forte no município, nomes de família herdados desde a época do Clube dos 50, da elite intelectual e financeira da Atenas do Sertão. Não se viu, em nenhuma das publicações, homenagens ou sequer citações sobre a existência dos quilombolas. Pouquíssimo se falou dos xucuru. Possivelmente porque esses nunca foram incluídos ao longo da

história de Pesqueira. Investigando as fases históricas do município, os quilombolas sequer foram mencionados e os xucuru aparecem como um povo que foi catequizado.

Todavia, é nítida a importância histórico-cultural dessas duas etnias. Para ficar apenas com as Cambindas Velhas, como fato cultural, é perceptível o conjunto das heranças: no vestuário, na dança, na música

*“já chegou no porto
dois navios de guerra,
foi Cambinda Velha
que saltou em terra”*

A própria conformação da agremiação aponta para as influências desses dois povos: o nome é, com segurança, herança negra; os instrumentos da orquestra são de procedência indígenas dos quilombolas, assim como o próprio nome da manifestação. É importante salientar que, ao longo de toda a trajetória dos cem anos das Cambindas, não se percebe a participação sociedade “branca”.

3.6 O turismo está para Pesqueira assim como Pesqueira está para o turismo?

Do ponto de vista da oferta turística de Pesqueira, não se pode negar que o município é detentor de uma diversidade bastante interessante. Dispõe de boa infraestrutura turística, que inclui hotéis, pousadas, bares, restaurantes um movimentado calendário de eventos, além de dezenas de atrações para quem a visita.

No seu calendário de eventos destacam-se a festa de Nossa Senhora das Montanhas, unindo tradições católicas e indígenas; a festa de Nossa Senhora da Graça (31 de agosto); a festa da padroeira Santa Águeda (fevereiro), Festival Pernambucano Nação Cultural, antiga festa da renascença, e a etapa do Circuito de *Motocross* (maio). A Feira do Doce da Renda e Negócios também se destaca: além de expositores dos doces caseiros e da renda, as manifestações culturais do local se apresentam. É na Feira do Doce e da Renda uma das únicas oportunidades do grupo se expressar para o público fora do carnaval.

O carnaval de Pesqueira é outro ponto forte no calendário de eventos da cidade. Faz parte, inclusive, do roteiro oficial das cidades turísticas de Pernambuco, as peças publicitárias do Estado incluem Pesqueira e a identificam como “a terra dos caiporas”.

Além dos Caiporas, Cambindas, Lira da Tarde e outros blocos, o carnaval de Pesqueira tem características familiares, ainda é possível ver famílias inteiras brincando de mela-mela, de dar banho, homens vestidos de mulher – as Catraias. O grande evento atrai para a cidade muitos turistas, destacando-se aqueles de segunda residência ou os agregados das famílias do lugar.



Foto 06: Caiporas no carnaval de Pesqueira

Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal

Existem, no local, santuários católico e indígena, além de reservas naturais com matas e cachoeiras, trilhas ecológicas em serras da região que variam de 750 a 1000 metros de altitude, onde é possível a prática de esportes radicais, como montanhismo, rapel, escalada entre outros.

Pesqueira conta com o Santuário da Graça, local de veneração e fé, onde, em 1936, Nossa Senhora teria aparecido a duas crianças camponesas, aconselhando ao mundo rezar o terço diariamente. Desde então, o local se transformou num verdadeiro santuário, atraindo o turismo religioso de milhares de pessoas, todos os anos.



Presentemente, o santuário de Nossa Senhora da Graça se encontra em processo de reconhecimento pelo Vaticano como local de aparição da Virgem. O lugar, que atrai muitos romeiros, é belo e místico, unindo predicados da natureza e diversos elementos religiosos. Lá também está localizada a reserva indígena dos xucuru (uma oportunidade para conhecer seu artesanato e rituais), a Pedra do Reino (local sagrado para os indígenas, também conhecida como Pedra d'Água e onde Chicão está enterrado), trilhas, os mirantes, rampa xucuru de vôo livre, lagos, barragem, açudes e cachoeiras.

Destacam-se ainda as cachoeiras do Vale das Cataratas e do Comorongo, a lagoa da Fazenda São Francisco, a Pedra do Dinheiro (a emitir um curioso som de moedas), a trilha do Gavião, as instalações da antiga Fábrica Peixe; o Museu Diocesano de Arte Sacra, e os deliciosos doces e licores de produção caseira.

No artesanato, é destaque a renda de renascença. A renda é produzida, em sua maioria, por mulheres das classes populares, pelas índias de Cimbres e por cerca de 18 mulheres da comunidade quilombola. Afora os programas sociais do governo federal, esta é a maior fonte de renda das famílias de Cimbres, do mesmo modo, é um rendimento de expressivo valor significativo. Sendo uma das principais fontes de renda para as comunidades de contexto popular, a atividade das rendeiras é importantíssima, não apenas pela subsistência que proporciona, mas também pela manutenção da história e do valor que uma peça de renascença detém.



Foto 08: Redeira de Cimbres

Fonte: Jeanine Lacerda

Nas famílias mais abastadas, o aprendizado da renascença não é tão valorizado, as filhas desta classe aprendem a fazer os riscos.

Vale ressaltar que há menos de vinte anos, era costume de algumas famílias mais tradicionais da cidade, ensinar suas filhas a se tornarem “prendadas”, o que incluía aprender a bordar, mas o ofício da renascença não estava no repertório e sim o ponto cruz, crochê, bordado com bastidor (ponto cheio, rococó, ponto agudo) e tricô (JATOBÁ, 2010, p. 62)

Em uma das entrevistas, a senhora Socorro Taveira, presidente da Associação das Rendeiras de Pesqueira, afirmou que *“quem melhor faz a renda em Pesqueira é um homem, um índio, que aprendeu com as mulheres de sua família e hoje faz renascença pra sobreviver, ele não gosta de fazer a renda junto com as outras rendeiras, que ficam na porta de casa em baixo de uma árvore, para que não seja visto desenvolvendo aquela atividade que, aqui, é só de mulher.”* (Informação verbal, 2009)

O potencial para o desenvolvimento da atividade turística em Pesqueira é diversificado, com uma oferta capaz de agradar a quase todos os perfis. No entanto, falar em desenvolvimento turístico implica não só ter uma boa oferta, mas transformar esta oferta em produto turístico, que por sua vez precisa ser economicamente viável, socialmente inclusivo e ambientalmente ético.⁶

⁶ Para saber mais sobre turismo sustentável em Pesqueira ver: JATOBÁ, Anny Kariny. **A folkcomunicação no artesanato de rendas de Pesqueira:** muito além da agulha e linha. Departamento de educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco, programa de pós graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local. Mestrado. Dissertação, 2010.

4 UM OLHAR PARA DENTRO: AS CAMBINDAS VELHAS DE PESQUEIRA E O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DE BASE LOCAL

Presente o referencial teórico sobre desenvolvimento local, turismo e folkcomunicação, bem como, após o levantamento dos processos histórico, cultural e da realidade econômica do município de Pesqueira, a presente pesquisa aliou este contexto à oferta turística do município entendendo, o mesmo, como local detentor da possibilidade de um desenvolvimento endógeno, sobretudo, em virtude da força de sua cultura e do interesse da sua população e gestores em desenvolver o turismo na cidade como foi percebido nos resultados das pesquisas. Entretanto, as descobertas apontaram para uma realidade que será discutida ainda neste capítulo.

Na pesquisa de campo, na esfera da gestão pública, foram aplicadas entrevistas semi estruturadas ao representante da Secretaria de Turismo, Leandro de Castro Tenório, à Secretária de Cultura, senhora Lourdes Peixoto e à prefeita de Pesqueira, a senhora Cleide Maria de Souza Oliveira (na ocasião, o “Carnaval das Cambindas” do ano de 2001, ela exercia a Secretaria de Turismo) e a atual secretária de assistência social Maria José Castro Tenório.

Na esfera da iniciativa privada, *trade* turístico, para entender o contexto econômico em que o turismo atualmente se encontra em Pesqueira foram entrevistados alguns proprietários de estabelecimentos comerciais, a dona do restaurante O Casarão, Celecina Freire, o proprietário do hotel Estação Cruzeiro, o maior de Pesqueira, José Airon Duarte, a proprietária da pizzaria Giovana, a mais movimentada da cidade, Giovanna Siqueira.

Na comunidade, através de conversas informais, e das entrevistas semi-estruturadas, foi possível coletar algumas informações importantes para esta pesquisa com Helena Jatobá, Rivaldo Ferreira, Rozilda Ferreira, Rozinara Lopes - bisneta de Pedro Lopes -, e alguns anônimos que junto às suas famílias assistiram ao desfile das Cambindas no carnaval de 2009, além de alguns moradores de Cimbres.

Em uma das visitas ao município estudado, no período entre 14 e 20 de dezembro de 2008, foram entrevistados alguns personagens que, através de relato oral, elucidaram muitas questões que inquietavam a pesquisadora. Questões como o porquê das Cambindas serem as representantes do carnaval de 2001, bem como, sua substituição pelos Caiporas; o nível de participação da população na manifestação, o seu

entendimento sobre as Cambindas, a participação ou não no processo de tomada de decisão da Secretaria de Turismo dentre outras.

Valiosas informações transmitidas por pessoas que estão envolvidas diretamente com a permanência das Cambindas no carnaval de Pesqueira, como o senhor José Rosânio Cintra Lopes, presidente da agremiação, sua esposa, os participantes do bloco, além de pessoas que nos transmitiram informações como expectadores e como participantes do processo que trouxe a manifestação até os dias atuais, época em que completou cento e um anos no mês de Fevereiro de 2010.

3.1 Cambindas Velhas de Pesqueira como instrumento de folkcomunicação turística

4.1.1 Cambinda Velha – folkcomunicação cinética

No estudo da folkcomunicação, Beltrão (1980) propõe a classificação dos fenômenos da comunicação popular que pode ser tomada como um elenco dos “gêneros folkcomunicacionais”. Assim, o Autor classifica a folkcomunicação em cinco gêneros, a saber:

Folkcomunicação oral, a qual se utiliza do canal auditivo, de códigos verbais e ou musicais. Quanto a tipologia tem como formato o canto, a música, a prosa, o verso, o colóquio, o rumor, a tagarelice, a zombaria, o passatempo e a reza.

A folkcomunicação visual que se utiliza do canal óptico, com códigos lingüísticos e pictóricos. Quanto a tipologia tem como formato escrito, impresso, mural e pictográfico.

A folkcomunicação icônica utiliza-se de canais óptico/ tátil, de códigos estético e funcional. Tem como formato devocional, diversional, decorativo, nutritivo, bélico, funerário, utilitário.

A folkcomunicação cinética utiliza-se de múltiplos canais de códigos gestuais e plástico. Tem como formato agremiação, manifestação, celebração, distração, folguedo, festejo, dança e ritos de passagem.

As Cambindas Velhas são um folguedo, portanto uma forma de folkcomunicação cinética.

A manifestação folclórica centenária Cambinda Velha, detém em sua história, todos os requisitos para se consolidar como um forte apelo de atratividade turística no Município de Pesqueira em Pernambuco é detentora de uma história secular, música peculiar, ritmo diferente, desenvolve suas apresentações nas ruas, atravessando a cidade cantando e dançando.

Visualmente, a beleza plástica das fantasias já não é como as do início do bloco, em 1909, tendo em vista a situação de contingência econômica que as Cambindas vivem, por outro lado, com a intervenção de políticas de turismo que sejam voltadas para as potencialidades internas de Pesqueira, dentro de uma perspectiva de desenvolvimento local a partir da sustentabilidade plena, ou seja, social, econômica, ambiental e cultural, este quadro poderia ser transformado.

Desde o final do século XX há um foco de interesse empresarial nas áreas do turismo [...] e se não houver responsabilidade por parte dos organismos públicos no planejamento das ofertas de produtos culturais, principalmente em relação às manifestações populares estas sofrerão desfiguração dos símbolos nelas contidos. (SIGRIST, 2006, p. 263)

Vale ressaltar que apesar do interesse do turismo em se apropriar das manifestações culturais como produtos a serem oferecidos aos turistas, as manifestações folclóricas independem desse fenômeno conforme afirma Roberto Benjamin:

As manifestações folclóricas, como fatos culturais, existiram, existem e existirão sem turismo, com o turismo, ou apesar do turismo. Somente pelo fato de serem tradicionais e de caracterizarem a identidade de uma região é que se tornam “atrações turísticas”. E por este motivo, é estranhável a subordinação das políticas culturais para o folclore às políticas do turismo, encarado aqui como atividade econômica que visa a obtenção de lucros. Não entendemos como possam os órgãos criados para a promoção turística receber a competência de promover, orientar, organizar fiscalizar, policiar e até reprimir as manifestações folclóricas. Tudo segundo o interesse promocional e não os interesses dos portadores de folclore. (2000)

O discurso de Roberto Benjamin identifica as ações para o fomento do turismo como ações promocionais, o fato é que o que se entende, atualmente, por políticas de turismo são ações voltadas para o *marketing* e não planejamento com bases sustentáveis. O que chama atenção é o fato da Secretarias de Turismo, em Pesqueira, não desenvolver seu trabalho aliada à de Cultura. Assunto que será retomado em breve.

Sendo conhecida como a terra do doce, da renda e da graça, Pesqueira já possui uma marca, entretanto, o que se questiona é o fato da Cambinda ser um bloco tão antigo e conhecido por todos na cidade, (as pessoas saem para frente de suas casas quando o bloco passa e cantam a música), ou seja, faz parte da identidade cultural do município, por isso deveria ser considerado e valorizado dentro das estratégias de *folkmarketing*.

Quando perguntado se conhecia a música da Cambinda Velha, o senhor Rivaldo Ferreira, não só canta a música, como dança igual aos componentes do bloco e diz *“as Cambindas são muito antigas aqui em Pesqueira, estão precisando de ajuda, este bloco é muito importante para a nossa cultura, mas as pessoas não reconhecem”*. Perguntado sobre que pessoas são essas que não reconhecem, *“você sabe, não é? O pessoal da prefeitura e daqui da cidade mesmo. Talvez porque o bloco seja de gente mais humilde, você não vê o pessoal daqui participar.”*

Este depoimento endossa a necessidade de entender o processo pelo qual, ao longo dos seus cento e um anos, as Cambindas Velhas de Pesqueira se relacionaram com a comunidade local.

3.2 A realidade através da oralidade: a história das Cambindas Velhas de Pesqueira – PE

Para entender o significado das Cambindas Velhas de Pesqueira, recorre-se aos estudos de Roberto Benjamin, quando presidente da Comissão Nacional de Folclore, relata que Cambinda, palavra variante do topônimo “Cabinda”, região da África acima da foz do rio Congo, hoje integrada na República de Angola, foi denominação gentílica para os negros procedentes daquela localidade, ou ali embarcados nos navios negreiros para o Brasil.

Os cambindas eram tidos pelos senhores de escravos como afáveis, joviais e pouco dados ao trabalho pesado, tendo-se constituído, de preferência em elementos do serviço doméstico urbano.

Cambinda foi também a denominação adotada por diversos grupos de maracatus de Pernambuco. Cambinda Velha, Cambinda Nova, Cambinda Estrela, Cambindinha, Cambinda de Água Preta. Até o Maracatu Elefante de dona Santa, afirma Roberto Benjamin, é referido em algumas loas como “Cambinda Elefante”.

Assim como Congo e Guiné, Cabinda foi sinônimo brasileiro do africano. Todavia, não se diz na voz popular do Brasil Cabinda mas Cambinda. Eram os grupos dançantes de negros que folgavam pelo Recife, convergindo posteriormente para o carnaval, no ritmo dos desfiles de maracatus. Esses grupos distinguiam-se pelo nome evocador, figurando *Cambinda* Velha entre os mais populares (CÂMARA CASCUDO, 2001)

Ainda segundo Roberto Benjamin, pelas características de suas músicas e de suas danças, as cambindas se diferenciam entre si⁷, e não apresentam semelhança com as formas de maracatu como nós conhecemos hoje, nem o maracatu-nação-africana (de baque virado), nem o maracatu-rural (de orquestra). Talvez encontrem com outro tipo de maracatu desaparecido no Recife, ou que tenham se formado diretamente dos folguedos de reis negros, que integraram as festas de Nossa Senhora do Rosário. Poderiam ter, assim, uma origem comum com os maracatus, afirma Roberto Benjamin.

Buscar a história das Cambindas Velhas de Pesqueira é um desafio, não existem muitos registros oficiais sobre essa manifestação cultural. Procurou-se em livros, artigos científicos, sites na web e pouco foi encontrado que pudesse constatar sua importância. Não é o caso de outras Cambindas, que são lembradas ou mesmo estudadas como as de Alagoas, da Paraíba e até mesmo as da cidade de Triunfo, sertão do Pageú. Diante disso, surgiu a necessidade de encarar esse desafio e fomos a busca de informações *in loco*.

Através dos relatos obtidos e das imagens coletadas, chegou-se a uma história que diz que em 1907 chegou em Pesqueira o trem da Rede Ferroviária do Nordeste. Já citado no capítulo anterior. Nessa época o Sr. Pedro Lopes da Costa, comprava gado aos fazendeiros dessa região e vendia em Recife, levava o gado em caminhões e com a chegada do trem de carga passou a transportar com mais facilidade o gado para Recife.

Certa vez, depois que havia vendido o gado, foi até o cais do porto do Recife. Ao chegar lá viu dois navios, ficou olhando e viu quando um grupo de negros advindos da África desceu dos navios, os negros descarregavam a carga dos navios, quando terminaram o trabalho, Pedro Lopes percebeu que aquele grupo, que na ocasião todos trajavam roupas brancas, começou a dançar, o que chamou a sua atenção. O professor Roberto Benjamin contestou esta versão, através de informação verbal em 2008, em sala de aula, Ele dizia que os personagens eram carregadores do porto e não pessoas africanas que desciam do navio dançando e cantando.

Pedro Lopes que acompanhou o grupo até a rua Imperial, do Recife, distante do porto, retornou a Pesqueira decidido a ajuntar amigos e familiares para reproduzir o folguedo que vira no cais do Recife.

Assim, em 1909 fundou o grupo. Àquela época participavam homens e mulheres. Foi ao Recife comprar o material que iria precisar para vestir os brincantes,

⁷ De acordo com Roberto Benjamin, são identificadas Cambindas em Ribeirão, zona canavieira sul do estado de Pernambuco; Cambindas de Triunfo, sertão do Estado, Cambinda Nova de Caruaru, agreste, Cambinda Velha de Pesqueira, além das Cambindas da Paraíba e de Alagoas.

teve dificuldade para achar fitas coloridas nas cores que queria – vermelhas, amarelas e verdes – na região do forte das Cinco Pontas, mais precisamente na Casa de Dona Bela. Com o material necessário nas mãos, voltou para Pesqueira e pôs na rua o bloco das Cambindas Velhas com dezenove baianas, contando-se com ele. Todos de branco, com muitas fitas e muita renda. Dizem os familiares que àquela época usavam renda de renascença nas roupas.

Diz Rosinara Lopes, bisneta de Pedro Lopes, o fundador, que quando das primeiras apresentações do grupo, as pessoas ficavam olhando meio desconfiadas, estranhando ver homens vestidos de mulher, com o passar do tempo todos se acostumaram. Afirmo que seu avô contava que a sociedade sempre prestigiou o grupo sem discriminar os homens que se vestiam de baianas. Todavia, as pesquisas apontam para outra realidade.

Pedro Lopes agregou um estandarte ao bloco, uma boneca de pano a qual trajava roupas iguais as dos componentes que ali brincavam, então agregou a música das Cambindas a frase: “*a boneca é de cera requebra minha nega*”, assim o grupo foi batizado de Cambindas Velhas.



Foto 09: Bonecas das Cambindas Velhas.
Autor: Emerson Diniz (2008)

Na foto 09, tirada no estande do Ponto de Cultura Ororubá, na 33ª Feira do Doce e da Renda, em dezembro de 2008, duas bonecas em cima do estandarte do bloco, do lado esquerdo o exemplar dos carnavais anteriores, do lado direito a boneca que está sendo usada nos últimos sete carnavais.

No ano de 1964, Pedro Lopes adoeceu e, por dois anos, seu genro, Manoel Bolachão, assumiu o grupo. Em 1966, ao falecer Pedro Lopes, o grupo passou para a direção de outro genro, Aprígio Amaral – barbeiro muito popular na cidade - que assim se manteve até o ano de 2001. Nos últimos carnavais da sua vida, Aprígio Amaral, por impossibilidade física, fazia o percurso do desfile em carro juntamente com seu filho José Amaral. Em 2001, o velho dirigente faleceu durante o carnaval, logo após chegar com o grupo à Praça da Matriz, descer do carro e acenar para o povo. Rosânio Lopes, um dos bisnetos, dirige o folguedo desde então.

3.3 As Cambindas Velhas de hoje: herança familiar, música, dança, roupas instrumentos e situação atual.

A relação da família Lopes Amaral com as Cambindas velhas não se resume apenas a sua criação, mas a sua manutenção através dos anos. Há uma grande preocupação de alguns membros da família em manter o grupo ativo para não deixar morrer a tradição iniciada com Pedro Lopes. Cientes do valor cultural que o grupo tem para Pesqueira e para Pernambuco, questionam-se porque é tão difícil manter o bloco na rua? Para os membros da família entrevistados e para algumas pessoas ligadas a mesma, não há incentivo governamental para que as Cambindas possam desfilar pelas ruas de Pesqueira por muito mais tempo, se hoje estão saindo no carnaval é por persistência. No ano de 1998, a ameaça das Cambindas não saírem no carnaval de Pesqueira foi tão séria que o Jornal do Commercio, em 05 de fevereiro daquele ano, estampou uma manchete que dizia “Cambindas ameaça não desfilar neste carnaval” (Anexo B) na matéria consta que aquela situação já estava se repetindo e pelo mesmo motivo: a falta de apoio financeiro.

Rosânio Lopes, diretor do bloco afirmou em 2008, antes das Cambindas fazerem parte do ponto de cultura Ororubá, *que “a nossa esperança é que a gente entre para este ponto de cultura porque assim vamos ter uma verba que vai ajudar muito pra sair no carnaval”* .

Quando em visita a casa do diretor, vimos que o megafone é um funil feito de latas de óleo pintadas de vermelho, os instrumentos são velhos, as roupas estão sendo usadas desde o carnaval de 2001, ocasião em que as Cambindas foram eleitas a marca do carnaval. Não possuem um local para ensaiar, nem para guardar as fantasias, e por

isso perdem muitas delas estragadas pelo mofo, assim como os chapéus, ficam estragados por serem amontoados.

Ao longo da história do grupo, amigas das filhas de Aprígio Amaral testemunharam a família tirar as cortinas da própria casa para vestir as Cambindas, momento em que já não dispunham de dinheiro para vestir os integrantes com renda de renascença.

Sobre isso, a senhora Rozilda Ferreira, professora, relata que cresceu na companhia das filhas do senhor Aprígio Amaral, e que presenciou muitas destas dificuldades, *“eram uma família muito humilde, pobre mesmo, o pai, seu Aprígio, era barbeiro e eu me lembro que todo ano, quando ia chegando o carnaval, ele botava uma caixinha na barbearia para que seus clientes colaborassem com a saída do bloco, e chegou uma vez que ele saía pedindo aos vizinhos uma colaboração. E a mãe, dona Matilde era fateira, lembro-me de quando estávamos brincando perto da linha do trem, onde a família morava, e dona Matilde vinha com uma bacia de alumínio cheia de fato para lavar e vender.”*

A trajetória da família a frente do bloco não mudou muito desde então, Rosinara Lopes, bisneta de Pedro Lopes, fundador das Cambindas em 1907, conta que hoje, sua família não está mais concentrada em Pesqueira, *“cada um em um lugar do Brasil procurando melhorar de vida”*. Sobre a sobrevivência do bloco, afirma *“Rosânio quis ficar a frente e ele faz com amor, ele gosta, quer honrar a família, os outros não se importam muito”*.



Foto 10: Rosânio cantando com o megafone.
Autora: Jeanine Lacerda (2009)

Quanto a isso, alguns entrevistados afirmaram *“as filhas se envergonhavam do pai, seu Aprígio, pois era alcoólatra, então foram embora para o Rio de Janeiro e se afastaram do bloco, o único que ficou foi Rosânio, mesmo assim, o bloco sai se arrastando”*.

Na época da fundação e ao longo dos primeiros anos, as vestimentas do grupo eram sempre brancas, o modelo é uma mistura de baiana e de melindrosa da década de 1930, atualmente a fantasia que o grupo está vestindo é vermelha e branca, com mangas fofas, muitos babados e os acessórios são colares coloridos e um chapéu de palha enfeitado com muitas fitas largas de cetim coloridas.

A propósito da fantasia das Cambindas Velhas, a senhora Helena Jatobá, professora aposentada, diz *“as roupas eram brancas, acho que eram de renda renascença, isso na década de 50, talvez 60, com fitas coloridas, sabe aquelas fitas de cetim? As mangas eram fofas com as pontas cheias de bico de renda e a gola também. As cores das fitas eram sempre em tons de bebê, muito delicadas. O chapéu que eles usavam era forrado de cetim e com flores adornado sua aba. Sua maquiagem era pintar o rosto de preto por batom e pintar uma bolinha vermelha em cada bochecha”*

Hoje em dia, afirma Helena Jatobá, *“as roupas já não são mais tão requintadas, acho que como tudo encareceu, e eles não dispõem de verba para por o bloco na rua como antes. Lamento por isso, pois, as Cambindas são um patrimônio de Pesqueira, não há, aqui na cidade, quem não as conheça ou que pelo menos, não cante o refrão da sua música”*.



Foto 11: Rosanio segurando a primeira saia das Cambindas Vestida por Seu Pedro Lopes.
Autora: Jeanine Lacerda. (2009)

A afirmação de dona Helena Jatobá, foi endossada quando outros personagens foram entrevistados e cantaram o refrão da música, reconheceram que as Cambindas são importantes para a cultura de Pesqueira pela história, todavia, nenhum deles sinalizou positivamente para a possibilidade de participar da agremiação. *“O lugar onde eles se reúnem é muito longe do centro da cidade, e eles saem de lá e vêm cantando e dançando até aqui, é uma contramão.”* Disse o Álvaro Cavalcante Sousa, comerciante.

As Cambindas foram fundadas em um bairro afastado do centro da cidade, perto da linha do trem. No centro da cidade vivem, até hoje, os remanescentes da época em que o município era conhecido como Atenas do Sertão, a elite intelectual e financeira de Pesqueira.

Por outro lado, o contexto socioeconômico em que surgiu a manifestação e em que vive até os dias atuais a família Lopes Amaral, bem como o que representam as Cambindas, a influência negra e indígena pode ter relação na percepção da comunidade sobre a imagem que a manifestação possui na Cidade, e talvez seja um dos motivos pelos quais não se tem a participação das pessoas que vivem no centro da cidade.



Foto 12: Rosânio vestido de Cambinda Velha e segurando a boneca (calunga)
Autora: Jeanine Lacerda (2008)

Quanto aos instrumentos os componentes do grupo trazem nas mãos maracás, possível influencia indígena, também enfeitados de fitas para completar o som que acompanha a música além do megafone e dos maracás o grupo traz zabumba.



Foto 13: Rosânio tocando a zabumba em sua residência onde são guardados os instrumentos e as fantasias.
Autora: Jeanine Lacerda (2009)

As músicas que acompanham o desfile das Cambindas, como já fora dito, são cantadas pelo diretor do grupo através de um megafone, e o coro responde. A mais conhecida na cidade e a que é cantada pelo povo é a Cambinda Velha. O trecho mais lembrado e cantado é o que vai do primeiro até ao terceiro verso.

Música: *Cambinda Velha*

Já chegou no Porto
dois navios de guerra;
Cambinda velha
que saltou em terra.

Cambinda velha
onde é teu natural;
na casa nº 5
na Rua Imperial.

Dona Gordulina,
princesa real.
Entrou o ano novo
dando viva ao carnaval.

Andei o Recife todo
atrás de fita amarela;
R – fui achar em Cinco Pontas
na casa de Dona Bela.

Porto Rico tá de luto,
a bandeira deu sinal;
por causa de uma baiana

quero morrer no hospital.

Oi estrela do norte,
cruzeiro do sul;
viva a baiana
do maracatu.

E a boneca é de cera;
Requebra minha negra.

Esta cana ta madura
ta boa de moer;
Ai ai ai Dom dom,
não me deixe padecer.

Eu vi o sol passar a lua
Cambinda velha saiu pela rua.

O trem de carga partiu de Barreiro
no meio da ponta a roda sartou
o condutor que partiu
de primeira desencarrilhou;
R – ai baiana, baiana meu amor

Oi sai, sai, sai, sai, sai Loana
Dona de casa
quem manda é Loana
Se esta casa fosse minha
eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas de brilhantes
para as cambindas vadiar.

Aonde é que o sol não alumeia
há na cadeia eu me alembrei
de uma baiana de Nazaré;
Noce, noce, noce, eu me lembrei
de uma baiana de Nazaré,
noce, noce, noce, eu me lembrei
de uma baiana de Nazaré.

Baiana do Rio Branco,
em Pesqueira não vem mais;
Se vim eu rasgo a bandeira,
no pavio eu boto gás.

São dezoito baianas
comigo são dezenove;
se uma delas morrer,
na Ribeira ela chove.

Bbalizeiro vai na frente,
vai ver quem é;
na frente dos inimigos
ninguém pode ser fiel,
ai baiana, baiana meu amor.

Baiana pelo carnaval,
nós vamos brincar
lá no Rio de Janeiro,
fevereiro chamando, os colegas
chamando as colegas pra navegar;
Ai baia, baiana meu amor (2x)

Acorda cambinda, acorda, acorda, acorda,
pra gente dançar unidos
iremos pra Serra do Ororubá;
Pesqueira em folia,
cambinda no carnaval,
cambinda pula e dança,
não pode nem falar.

Ôh meu mestre
me pegue as alviças,
morena foi vista em Caruaru,
ela estava trajada de chita
e um laço de fita
e um buquê azul;

Ai baiana, baiana meu amor.
Eu vi o sol passar pela rua;
cambinda velha saiu pela rua.

Ôh São Pedro, São Paulo,
Senhor São José
até para o ano se Deus quiser.

A autoria da música “ Cambindas Velhas” é atribuída ao senhor Pedro Lopes.

3.4 O Carnaval 2009: cem anos de Cambindas velhas.

No ano de 2009 as Cambindas Velhas de Pesqueira completaram cem anos de fundação, sua trajetória, sua realidade, suas especificidades serão descritas nos parágrafos a seguir.

3.4.1 A organização do bloco e a política cultural – o ponto de cultura Ororubá

Hoje as Cambindas Velhas de Pesqueira são um bloco de carnaval com estatuto próprio inscrito no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas, CNPJ. Busca incentivo financeiro e parcerias através do Ponto de Cultura Ororubá e por isso receberá uma verba mensal de R\$ 500,00 (quinhentos reais), durante três anos. Além disso, também está inscrito no projeto “Reviver os paradigmas da cultura negra” da Fundação de Cultura Zeferino Galvão.

O grupo faz apresentações fora do período carnavalesco, como os eventos festivos promovidos pela prefeitura da cidade (São João, Feira da Renda, lançamentos de projetos) e, eventualmente, são convidados para se apresentar em cidades vizinhas. Segundo a esposa de Rosânio, o grupo, às vezes recebe para se apresentar, o valor recebido, em média, é de R\$ 300,00 (trezentos reais) *“teve uma vez que o grupo recebeu quatrocentos reais! Foi o maior valor que já ganhamos”* afirma ela.

Quanto ao uso desse dinheiro, ela respondeu *“compramos a comida e a bebida, você sabe né? tem que ter o que comer e o que beber para esse povo poder andar cantando e dançando até o centro da cidade. Se sobrar alguma coisa a gente usa pra comprar roupa e enfeite para as fantasias”*. Sobre o cachê dos participantes do bloco, *“não, não, ninguém ganha nada não, eles saem porque gostam e acham bonito, por isso que é bom a gente fazer um agrado, oferecer uma rabada, dobradinha, feijoada e batida de maracujá, eles adoram.”* Os alimentos oferecidos aos componentes das Cambindas são preparados pela esposa de Rosânio, assim como a batida, ela se encarrega de administrar o dinheiro, comprar o necessário. Sua filha fica encarregada juntamente com a mãe de maquiagem e enfeitar os componentes do bloco.

No carnaval de 2009 o grupo das Cambindas Velhas completou 100 anos de existência. Atualmente são 25 componentes que saem desfilando no carnaval de Pesqueira, para aquele ano as Cambindas Velhas apresentaram-se nos dias 22 e 24 de fevereiro e sua chegada foi às 18h no palco principal da folia no município.

O diretor do grupo, Rosânio Lopes, pretendia sair no carnaval deste ano com 100 componentes, para tanto, disse que anunciaria no jornal e nas rádios de Pesqueira o centenário das Cambindas e convidar as pessoas a participarem do evento.

Este intento da diretoria das Cambindas não foi alcançado, mesmo anunciando na rádio local, mesmo divulgando, na Cidade, que as Cambindas Velhas estavam completando cem anos e que seriam objeto de estudo para uma dissertação de mestrado na Universidade Federal Rural de Pernambuco, fato que proporcionou um diálogo com

a iniciativa pública, bem como viabilizou o acesso da diretoria das Cambindas à rádio local, mesmo assim não foi atingido o objetivo dos cem participantes.

Foi presenciado muitas crianças arregimentando outras para formar um contingente aceitável para as Cambindas saírem no carnaval de 2009. Quando perguntado o que o fez sair de Cambinda, Saulo, 12 anos, disse: *“a gente viaja pelas cidades e ganhamos lanche.”* E assim, ao ver Saulo conversando com a pesquisadora, José e Allysson, da mesma idade, reiteraram a resposta.

Quando perguntados se sabiam o que eram e o que significavam as Cambindas disseram: *“a gente se veste de mulher, canta e dança. É bom porque às vezes a gente viaja.”* Tendo como base esses e outros depoimentos, pode-se perceber que para as crianças da comunidade local, as Cambindas são apenas uma reunião de homens vestidos de baianas cantando e dançando, uma folia. Isso demonstra que desde cedo, mesmo estado dentro da manifestação, não há a preocupação em ensinar as crianças o valor cultural das Cambindas.

A secretária de Cultura de Pesqueira, Lourdes Peixoto, quando questionada sobre algum projeto ou parceria com a Secretarias de Educação ou de Turismo esclareceu que *“não, nós não temos, no papel, nenhum projeto sobre educação cultural ou educação turística, mas já temos muitos projetos, na verdade já temos conversado muito sobre isso, sobre promover as Cambindas para melhorar o turismo de Pesqueira.”*



Foto 14: Carnaval 2009.
Autor: Prefeitura de Pesqueira

Sob *s onhecemos,*
ouvimos o que os diretores (dos blocos) tem a falar e fazemos o que é possível para
atender.”

A falta de articulação entre as Secretarias municipais fica clara quando, a respeito do assunto, a secretária de cultura diz que “*o Turismo (referindo-se à Secretaria de Turismo) é responsável por planejar as festas e nelas as manifestações participam. É assim que trabalhamos.*” A resposta do representante da Secretaria de Turismo é similar “*nós planejamos o evento e promovemos a manifestação, podem ver que as Cambindas participam de todos os eventos da prefeitura.*”

A realidade mostrou que apenas divulgar o centenário das Cambindas Velhas não foi suficiente para que a manifestação tivesse um centenário digno de seu valor histórico e cultural.

Acompanhando os brincantes e entrevistando a diretoria, além da observação feita em todo o carnaval, foi percebido que não houve qualquer incentivo concreto de valorização das cem anos das Cambindas, ao contrário, o grupo recebeu uma verba de quinhentos reais (R\$ 500) para trocar os sapatos, e a promessa do pagamento da confecção de novas roupas, entretanto, ao ser apresentada a nota de compra à Prefeitura assim como a Secretaria de Cultura, as respectivas autoridades argumentaram que os quinhentos reais iniciais eram para sapatos, roupas, acessórios e alimentação do grupo.

Outro ponto que chamou bastante atenção ao longo desta pesquisa foi quando a diretoria nos informou que houve um pedido formal à Prefeitura da cidade, através de um projeto, para que fosse montado um espaço para o grupo fazer uma exposição dos cem anos e, posteriormente, esse espaço servir para ensaios (que só acontecem próximo ao carnaval, uma vez por semana e no meio da rua) e para guardar as roupas, os instrumentos musicais e os acessórios. Inicialmente a prefeitura sinalizou positivamente para o projeto, entretanto, os dias se passaram e quando procurada pela diretoria do bloco, argumentou que não havia verba.

Ainda sobre a comemoração dos cem anos das Cambindas Velhas de Pesqueira, foi solicitado à Prefeitura, ingredientes para a confecção de um bolo de aniversário para que pudessem celebrar na chegada do grupo no palco principal do carnaval, na praça da Matriz. Foi negado.



Foto 15: bolo dos cem anos das Cambindas
Autora: Jeanine Lacerda (2009)

As Cambindas não deixaram de comemorar o seu centenário. Por decisão da diretoria, foi feito um bolo de papelão e enfeitado de papel alumínio com o número 100 de isopor. Assim foram celebrados os cem anos das Cambindas Velhas de Pesqueira em Pernambuco.

O desfile aconteceu, com 25 participantes, dos quais pelo menos 10 foram arrebanhados de última hora no meio da rua, mulheres (por ocasião do centenário foi liberada a participação feminina), crianças e até bêbados e com um bolo de papelão.

E para resolver o problema do espaço para exposição da história da manifestação foram feitos painéis, na casa do diretor Rosânio, com a finalidade de mostrar a trajetória das Cambindas Velhas ao longo dos seus cem anos.



Foto 16: Painel comemorativo do centenário das Cambindas.
Autora: Jeanine Lacerda (2009)

No carnaval de 2010, nos cento e um anos de Cambindas Velhas, o contexto em que o grupo saiu em nada foi alterado, tudo permanece da mesma forma.

3.5 Caiporas: ícones do carnaval pesqueirense, por quê?

O folguedo dos caiporas, atualmente, é considerado como ícone do carnaval de Pesqueira e seu representante oficial. Está presente em todo o material promocional da prefeitura da cidade (*folders*, peças publicitárias, *outdoors*) e até nos vídeos institucionais do Governo do Estado de Pernambuco. No carnaval de 2010, a Secretaria de Turismo do Estado focou suas ações promocionais nas manifestações culturais dos pólos de carnaval. Assim, aconteceu com os papangus de Bezerros, os maracatus-rurais de Nazaré da Mata, os caretas de Triunfo e em Pesqueira, os caiporas.

As informações quanto ao surgimento dos caiporas de Pesqueira, são bastante restritas, assim sendo, tem-se segundo o conhecimento popular, que os Caiporas são uma lenda antiga da cidade. Conta-se entre os mais velhos que "tochas" apareciam em cima de árvores, amedrontando as pessoas e prejudicando as caçadas noturnas. Esse fogo era chamado de caiporas, seres noturnos que pregavam peças em caçadores e cães. Para "acalmar" os caiporas, os homens colocavam fumo e cachaça nos troncos das árvores. Daí surgiu a denominação do folguedo carnavalesco – "Os Caiporas" – que em 1962 passou a ser bloco carnavalesco.



Foto 17: Caiporas.
Autor: Prefeitura de Pesqueira (2009)

A vestimenta dos participantes do bloco é composta de paletó, camisa de mangas compridas e calça, além do saco de estopa, que serve como máscara.

Sobre o personagem ‘caipora’, Cascudo (2001, p.443) diz que é “um menino com duas saias, uma da cintura para baixo, e outra da cintura para cima, terminando para a cabeça com uma urupema”. Essa figuração não é mantida no folguedo pesqueirense

No ano de 2001, a então gestão pública do município de Pesqueira, através da Secretaria de Turismo, representada pela senhora Maria José Castro Tenório elegeu as Cambindas Velhas como representantes do carnaval da cidade naquele ano. Momento este que fez com que as Cambindas Velhas entrassem em evidência na cidade.

Quando questionada como se deu a escolha das Cambindas para, a partir de então, ser a manifestação representante do carnaval da cidade, a senhora Maria José respondeu:

“Bom eu sou do Recife e sempre passava o carnaval em Olinda. Via as manifestações culturais de lá, o povo seguindo blocos antigos. Também via Bezerras ter o papangu e Triunfo com os caretas. Isto sempre me chamou atenção, então, depois de uns anos passando sempre o carnaval em Pesqueira, em 2000, passei o carnaval em Recife e Olinda e tive a idéia de fazer o mesmo em Pesqueira. Daí procurei saber qual

era a manifestação cultural mais antiga da cidade e sabendo que as Cambindas eram esta manifestação, foi decidido que daquele dia em diante seriam elas as representantes oficiais dos carnavais pesqueirense.”

Nesta ocasião, a prefeitura da cidade canalizou seu trabalho para transformar as Cambindas em ícones do carnaval. Mas, por outro lado, o material utilizado para promover a manifestação (anexo 1) não remetia ao que realmente são as Cambindas Velhas, apenas o texto inicial do folder dizia “Carnaval das Cambindas”. Nada mais em nenhum outro material, em nenhuma outra peça publicitária. Pode-se perceber que não houve o uso dos conteúdos e das formas que o *folkmarketing* preconiza alcançar aquele objetivo proposto pela prefeitura.

Além do material de divulgação não condizer com a realidade do intento da gestão pública, a forma com que foram estabelecidas as ações de comunicação não atingiram a comunidade local. As pessoas da comunidade, ao serem indagadas sobre sua participação na escolha das Cambindas como representantes do carnaval pesqueirense, emitiram opiniões que convergiram para um discurso similar.

Para ilustrar esta situação, Celecina Freire, proprietária do restaurante O Casarão, afirmou que *“Não, eles não perguntaram nada pra a gente, só avisaram que a partir de 2001 as Cambindas seriam o motivo do carnaval de Pesqueira, mas eu achei bom, porque é um bloco tão antigo”*. José Airon Duarte, proprietário do hotel Estação Cruzeiro e a proprietária da pizzaria Giovana, a senhora Giovanna Siqueira também responderam de forma similar.

Por outro lado, ao responder sobre sua participação no bloco das Cambindas, as respostas, em uníssono, foram *“não, não acompanhamos o bloco. É bonito, mas não é só para a família?”*. Diante desta resposta, pôde-se inferir que a origem do bloco, a situação socioeconômica da família fundadora, e até mesmo a influência negra e indígena contribuem para a decisão de não participarem. Talvez haja preconceito em relação as Cambindas, resquícios do processo histórico-cultural que o município atravessou ao longo dos anos. Talvez estando os caiporas mascarados seja mais interessante a participação.

No discurso da comunidade local, as respostas afluíram para um ponto que chamou bastante atenção, o da falta de participação na tomada de decisão e a o conseqüente sentimento de exclusão como comprova a fala de Antônia de Sousa, ao assistir ao desfile das Cambindas Velhas, junto com sua família, no carnaval de 2009, *“eu não lembro de alguém ter me perguntado se era bom pra nós da comunidade que*

as Cambindas fossem o motivo do carnaval de 2001. Pra falar a verdade, eu não lembro da prefeitura perguntar nada para nós.”

Quando perguntados sobre o que sabiam sobre as Cambindas Velhas e se faziam parte do bloco, os representantes da comunidade responderam que era um bloco que saía no carnaval e que iria completar 100 anos, embora, em nenhum momento, demonstrassem saber ou apontassem a importância histórica e cultural da manifestação. Com a comunicação imperfeita, perdeu-se a possibilidade da comunidade fazer uma leitura positiva das Cambindas. Falhou o processo comunicacional estabelecido por aqueles que emitem a mensagem da criação do ícone, ou seja, os gestores públicos. Nada se fez para que houvesse a alimentação e mobilização dos sentidos de pertencimento e valorização das tradições e dos saberes do povo. O processo de comunicação não foi, ao menos, trabalhado nesta direção, que Lucena Filho (op. cit.) denomina *folkmarketing*, o que teria resultado em catalisar os elementos singulares das identidades locais em favor desse mesmo processo.

Mesmo assim, um ano após estabelecer as Cambindas Velhas como representantes do carnaval de Pesqueira, a decisão perde força, mas continuou-se com a mesma estratégia.

No meio da década de 2000 os Caiporas já haviam se tornado os representantes dos carnavais de Pesqueira. O discurso do atual representante da Secretaria de Turismo, Leandro Tenório, diz que *“os caiporas são divertidos, engraçados e interagem com o público.”*

Trata-se de uma resposta insatisfatória e conflitante com os desígnios da própria Secretaria de Turismo municipal que estabelecera nas Cambindas a marca do carnaval pesqueirense. A gestora pública de secretária de turismo da época, senhora Maria José Castro Tenório, respondeu sobre a razão das Cambindas perderem seu lugar para os Caiporas: *“é que, depois que vimos que em Bezerros os papangus deram certo e os caretas de Triunfo também, resolvemos que se usássemos um boneco mascarado seria mais atrativo para os turistas e mais interessante para a comunidade participar. Afinal quem não quer se mascarar no carnaval?”*.

Acreditar que a causa da substituição de uma manifestação centenária, com características exclusivas de Pesqueira por outra sem um processo histórico tão significativo, foi difícil. Assim, buscando entender a verdadeira causa daquela substituição, a pesquisadora continuou indagando à entrevistada e uma nova versão veio a tona com a senhora Maria José Castro Tenório apontando as políticas públicas de

turismo do Estado de Pernambuco como responsáveis pela substituição, assim verbalizando: *“vocês conhecem o circuito do frio, não é? Pois bem, Pesqueira estava disputando com Arcoverde entrar para este circuito, mas sabíamos que seria muito difícil. Em uma das reuniões foi dito para nós que seria necessário que os Caiporas se tornassem a marca de Pesqueira para que o município entrasse para esse circuito e conseqüentemente recebesse as verbas destinadas aos municípios participantes. (Eles) disseram, ainda, que precisavam de uma marca que se parecesse com as outras (referindo-se aos papangus, aos caretas e outros mascarados), ou seja, mascarados que interagissem com o público, pois, dessa forma, facilitaria as ações de marketing e as peças publicitárias com bonecos padronizados”* . A resposta endossa o que o representante atual da Secretaria de Turismo havia dito sobre bonecos e interação com o público.

3.6 Folkcomunicação e turismo no espaço rural: as Cambindas Velhas de Pesqueira e a atividade turística de base local

Como já esclarecido, o turismo é uma atividade bastante complexa que, para ser compreendida de forma plena, deve considerar que se trata de uma atividade com elevado grau imprevisibilidade.

No município estudado, as ações da esfera pública não contemplam um planejamento estratégico, são aleatórias *“organizamos as festas do município”* verbalizou o representante da Secretaria de Turismo do local.

3.6.1 O planejamento turístico de base local e o processo de folkcomunicação em Pesqueira

O entendimento da gestão turística do município sobre o que é gerir um local está bastante reduzido, na perspectiva da sustentabilidade e do desenvolvimento local.

“O turismo em Pesqueira está muito bom, no carnaval nossa população duplicou, todos os hotéis e pousadas ficaram lotados. Nós estamos trabalhando para trazer mais gente o ano que vem, já conversamos com o Governo do Estado para incluir Pesqueira no material promocional do carnaval de Pernambuco”, atestou o representante da Secretaria de Turismo.

“O turismo de Pesqueira é muito desenvolvido, os projetos da Secretaria são muito bons, a cada ano vem mais turistas pra cá”, afirma a secretária de cultura.

Esta interpretação de desenvolvimento adotada pela gestão municipal, quando pensada dentro dos parâmetros reais do desenvolvimento local logo é desconstruída e percebe-se, portanto, que há um equívoco entre crescimento e desenvolvimento. Há, no discurso oficial, a participação popular como fato indiscutível e a preservação e conservação cultural na mesma esfera de importância. Entretanto, a participação requer que a comunidade seja ouvida e incluída no processo de tomada de decisão, é importante, também que a mesma se sinta importante e veja os resultados do processo no qual foi incluída. No que tange à conservação e preservação cultural, o que vem acontecendo no ambiente da pesquisa efetivamente, é o uso comercial das manifestações culturais e, por conseqüência, sua descaracterização. No caso das Cambindas Velhas de Pesqueira, o desfile do bloco dura cerca de uma hora e meia até chegarem a praça da Matriz, local do palco principal do carnaval pesqueirense, na praça a apresentação continua em cima do palco. Todavia, de acordo com a senhora Lourdes Peixoto e com o senhor Leandro Tenório, quando na ocasião das festas municipais, como São João, a Feira do Doce da Renda e Negócios, e outros eventos do município, as Cambindas Velhas tem aproximadamente meia hora para se apresentarem.

Em um evento de negócios com hóspedes do Brasil inteiro, no Hotel Cruzeiro, a agremiação foi convidada para se apresentar assim como outras manifestações do local, *“foi uns quinze minutos pra cada uma, mas os hóspedes gostaram”*, disse José Airon Duarte, proprietário do hotel.

Na contramão desta realidade, está o processo de planejamento turístico. Genericamente, o planejamento é o conjunto de atividades que envolvem a intenção de promover condições favoráveis para alcançar objetivos propostos.

Parafraseando Chiavenato (2000), o planejamento costuma figurar como uma das primeiras funções administrativas por ser, exatamente aquela que serve de base às demais. Assim, é a função que determina antecipadamente o que se deve fazer e quais os objetivos que devem ser atingidos. É um modelo teórico para uma ação futura. Visa dar condições para que o sistema seja organizado e dirigido, seu foco principal é a consideração objetiva do futuro. O planejamento é um processo que começa com a determinação de objetivos, define estratégias políticas e detalha planos para consegui-los.

Diante da complexidade do sistema turístico, é fundamental que se entenda que a atividade turística possui como a maior parte das atividades econômicas e sociais, a capacidade de promover impactos positivos e negativos. Por isso a importância de um planejamento eficiente. Na prática a tarefa de planejamento só será eficiente na medida em que integrar na sua implementação a soma dos setores envolvidos no processo: Estado, Município e comunidade. A conscientização é um passo fundamental e não é tarefa simples. Neste ponto que a carência de conscientizar a comunidade para a cultura e para o turismo do local, sobretudo quando se percebe que os cidadãos sinalizam negativamente participar ou até mesmo acompanhar o desfile das Cambindas Velhas.

Para isso, os planejadores necessitam mostrar, com exemplos reais, que com o desenvolvimento da atividade turística de base local todos são beneficiados. O envolvimento da comunidade define o rumo do planejamento que, se não conta com o apoio desta, está fadado a declinar.

Em síntese, a atividade turística para que funcione à luz dos parâmetros da sustentabilidade, deve ser fruto de um processo de planejamento que tenha uma abrangência plena de suas interfaces, por isso seu administrador tem que ter excelência gerencial e pensar de forma estratégica. Isso quer dizer que precisa respeitar todas as etapas do planejamento turístico, sem que nenhuma delas seja suprimida em prol do lucro de curto prazo.

Caso tais etapas não sejam respeitadas, tem-se o “inchaço” do destino turístico, que, muitas vezes é confundido com crescimento e, em uma perspectiva mais apocalíptica confundem o “inchaço” do destino turístico com desenvolvimento local.

Em Pesqueira a problemática de articulação entre as Secretarias de governo, bem como o modelo de gestão adotado pelas mesmas, implicam em um processo que distancia a comunidade e esta situação se opõe ao processo de desenvolvimento local. Dessa forma é fundamental considerar o planejamento participativo.

O sistema turístico permeia a dinâmica do local onde está implantado. E é um processo de mudanças, pois influi na estrutura econômica da região, ocupa e modifica espaços e interfere no ambiente cultural das pessoas do local. Esse processo de mudanças, como qualquer outro, desperta reações positivas e negativas e se torna inevitavelmente político, no âmbito da comunidade. Além disso, intervenções localizadas podem criar sentimento de exclusão em determinados bairros ou segmentos sociais. (PETROCCHI, 2001, p. 192)

O argumento de Petrocchi é aplicável na realidade das Cambindas Velhas quanto a sua relação com a comunidade de Pesqueira.

É neste contexto que chamamos atenção para o planejamento estratégico da atividade turística, e especialmente, para a comunicação neste processo.

No ambiente da pesquisa, os problemas de identificação da comunidade com as Cambindas, de participação no processo de tomada de decisão, de falta de planejamento turístico estratégico implica no inchaço da localidade nas datas festivas, é neste ponto que a folkcomunicação pode entrar como elemento articulador do relacionamento entre a iniciativa pública e a comunidade local, bem como o *folkmarketing* poderia ser utilizado de modo a trabalhar a imagem das Cambindas Velhas tanto para a comunidade local como para os turistas.

CONCLUSÃO

Como exposto, Pesqueira é um município detentor de grande potencial de desenvolvimento endógeno. As potencialidades estão latentes e não se limitam aos períodos festivos no município, mas todo o processo de formação sócio econômico e cultural contribui para lhe dar as possibilidades de se desenvolver através de ações seguras, inclusivas e éticas, que primem pelas bases da sustentabilidade ambiental, social, econômica e cultural.

A matéria prima para a concretização de uma realidade como esta o município já tem: boa oferta turística, boa infra-estrutura, uma comunidade que se mostra muito receptiva à atividade turística (embora seja necessário construir, no seio desta comunidade, a compreensão da complexidade, amplitude e força do turismo de base local).

Assim sendo, a busca por analisar o processo folkcomunicacional como elemento articulador para o desenvolvimento local a partir do turismo no município foi perseguido ao longo deste estudo como forma de entender os porquês do distanciamento da comunidade, da sua segregação em relação ao objeto de estudo, as Cambindas Velhas, e da dificuldade da gestão pública em viabilizar o turismo de base local.

Se por um lado, o discurso oficial enfatiza que o município estudado é desenvolvido turisticamente e que as bases da sustentabilidade são criteriosamente seguidas (participação popular, inclusão social, cuidados com o meio ambiente e com a cultura local), por outro, o levantamento sócio-econômico e histórico da localidade, além dos dados coletados em campo, apontaram para uma realidade excludente e com critérios de gestão bastante questionáveis.

Esta situação traz sérias implicações ao desenvolvimento de base local, uma vez que ao sujeitar a cultura local às políticas oportunistas, produz-se uma força que reprime o genuíno, e cria uma imagem que, nem sempre retrata a realidade do local, mas que se destina a adaptar-se a ações políticas passageiras, de níveis estadual e federal, em detrimento de uma ação política local permanente.

A escolha das Cambindas para representar os carnavais de Pesqueira no ano de 2001, bem como a troca pelos Caiporas no ano seguinte, e a verdadeira forma em que se deu esta troca demonstra bem o que este estudo investiga.

Descobrir o ou os porquês das Cambindas Velhas - manifestação detentora de características peculiares e exclusivas na cultura pesqueira - não se converterem numa manifestação cultural de interesse turístico no município foi uma inquietação constante ao longo das pesquisas e quanto a isso, a imagem criada pela comunidade pesqueira acerca das Cambindas Velhas é, no mínimo, intrigante, posto que, por um lado reconhecem o seu valor histórico-cultural, cantam a sua música e arriscam dar alguns passos da sua dança, por outro, não se reconhecem participantes do folguedo. Observam o bloco passar dentro dos domínios dos muros de suas casas.

Na Festa do Doce e da Renda no final de 2008, as Cambindas se apresentaram em um local fechado com uma acústica comprometida e com um horário previsto para iniciar e terminar, além de um ínfimo público. Para uma manifestação cultural centenária, embora nascida das classes de contexto popular pesqueira, seria importante que o reconhecimento e o trato respeitoso, inclusive o trato econômico-financeiro, envolvesse o respeito não só da comunidade como um todo, mas, sobretudo dos gestores de turismo e da cultura do município, tendo em vista que, se comparada a outras manifestações culturais do local, as Cambindas estão alicerçadas na história da formação da sociedade pesqueira.

É neste ponto que os processos folkcomunicacionais tem um papel importante ao fazer a mediação entre os grupos excluídos e todos os envolvidos no desenvolvimento local a partir do turismo, ou seja, o *trade* turístico, gestão turística, líderes comunitários, comunidade em geral e turistas.

Dentro desta perspectiva, ao buscar desenvolver a atividade turística de base local a partir de uma manifestação cultural, as Cambindas Velhas, por exemplo, o processo de comunicação para se tornar viável, precisa ser definido dentro da realidade tanto da necessidade da comunidade local, quanto da importância e significado que a manifestação cultural detém junto a ela.

O que ocorre em Pesqueira em relação ao desenvolvimento de base local é o oposto do que seria indicado para um município que defende a sustentabilidade turística a partir do local. Isto fica claro quando, como afirma Santos (2002), a matriz de desenvolvimento sob a égide do local para o global requer a participação popular, pois, quando a participação popular se sobressai a elite, das velhas identidades nacionais, em que o povo participa efetivamente da construção de sua cidadania, isto pode levar ao desenvolvimento local.

Na perspectiva do desenvolvimento do turismo de base local, dentro do conjunto das relações ambientais do sistema de turismo, as interseções entre os subconjuntos constituem-se nos espaços onde o processo folkcomunicacional deve acontecer para que o Sistema seja adequadamente alimentado e retroalimentado.

As técnicas de *folkmarketing* vão buscar e, ao mesmo tempo, conferir na comunidade a importância de todas as manifestações culturais do local e não apenas daquela que esteja massivamente presentes em materiais promocionais (situação que não passa de conveniência política, conforme se elucidou no capítulo anterior). Vão identificar ou fomentar a possibilidade de escolher qual ou quais manifestações que mais se identificam com o que a comunidade tem de hábitos, costumes e demais características de grupo social (sem preconceito nem vergonha do pertencimento), fazendo-a conhecer as especificidades históricas e se reconhecer naquelas manifestações.

Volta-se ao que preconiza Lucena Filho, de que é de fundamental valor e entender-se como o primeiro passo na direção de um desenvolvimento pleno, a catalisação dos elementos singulares das identidades, regionais ou locais, que passam a alimentar e mobilizar os sentidos de pertencimento e valorização das tradições e dos saberes do povo. Diante disso, o uso do *folkmarketing*, na perspectiva aqui estudada, seria uma forma não apenas de criar expectativas aos turistas acerca dos costumes locais, fazendo-os se deslocarem para Pesqueira, como também, além disso, acredita-se que utilização das suas estratégias para o público interno, ou seja, para a comunidade, favoreça a mudança de imagem que, no nosso caso, as Cambindas têm em Pesqueira, que podem vir a ser o contrário do que acontece atualmente, dado que são uma herança cultural muito rica para o local..

Em síntese, está claro, para a comunidade pesqueirense, que o turismo significa “mais gente” no município, assim como para a gestão da atividade turística por lá, quanto maior a demanda de turistas melhor. A compreensão atual é a de que a sua importância se reduz à massificação. Não é considerada a possibilidade real de um desenvolvimento pleno cujos aspectos do local sustentável poderiam, em longo prazo, mudar os rumos do município para uma situação de desenvolvimento sólido, essencialmente inclusivo.

É neste ponto que o processo folkcomunicacional funcionaria como elemento de articulação essa perspectiva de desenvolvimento local ser trabalhada pelas políticas públicas culturais e turísticas de Pesqueira como forte aliado do seu desenvolvimento.

Ao final, convém declarar que se espera que este estudo possa servir, modestamente, de contribuição para o município de Pesqueira. Espera-se, mais ainda, que venha a compor uma série de outros estudos a serem considerados para auxiliares do direcionamento das suas políticas públicas de valorização da cultura e desenvolvimento do turismo local.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. 149p.
- ALMEIDA, Eliene A. de. (org.). **Xucuru, filhos da mãe natureza: uma história de resistência e luta**. 2ª ed. Olinda: CCLF/Pesqueira: Prefeitura Municipal, 2002.
- AMARO, Rogério. **As novas oportunidades de desenvolvimento local**. In: A Rede para o Desenvolvimento Local, n.º 8 (pp. 16-22). Faro (Portugal): IN LOCO. 1993.
- ARAÚJO, Flávio Nunes; SANTOS, Lúcia Rafaela. **Discutindo o modelo de gestão turística indicada ao desenvolvimento do turismo sustentável do município de Gravatá - PE**. Vitória de Santo Antão (PE): Faculdade Osman Lins, 2006 (trabalho de conclusão de curso: Departamento de Turismo).
- BAHL, Miguel. **Turismo: enfoques teóricos e práticos**. São Paulo: Roca, 2003.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 10 ed. atualizada. São Paulo: SENAC, 2001, 515 p.
- _____. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006, 200 p.
- BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2000.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez. 1980.
- BREGUÊZ, Sebastião Geraldo. **Os estudos de folkcomunicação hoje no Brasil**. Revista Internacional de Folkcomunicação, n^o 1. Disponível em <http://www.univerciencia.org/index.php/browse/index/67> . Acesso em 03/02/2010
- BUARQUE, Sergio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável: metodologia e planejamento**. Editora Garamond, 2006
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Made in Africa**. São Paulo: Global Editora, 2001;

- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1996.
- CASTELLS, Manuel, BORJA, Jordi. **Local y global**. Taurus, 1998.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Vamos abrir um negócio**. São Paulo: Makron, 1995.
- _____. Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**, 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- CORNIANI, Fábio. **Afinal o que é folkcomunicação?** Enciclopédia do pensamento folkcomunicacional latino-americano. 2009. Disponível em [http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Afinal_o_que_é_Folkcomunicação - Fabio Corniani](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Afinal_o_que_é_Folkcomunicação_-_Fabio_Corniani). Acesso em 21/01/2009.
- DENCKER, Ada de Freitas M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Quilombos**. Encarte da edição de 31/12/2008.
- FRANCO, Augusto de. **Capital social**. Brasília: Instituto de Política Millennium. 2001
- GALINDO, Givanildo. **Reminiscências de um pequeno mundo**. Pesqueira: s.ed, 1996.
- GARRIDO, Inez Maria Dantas A. Modelos multiorganizacionais no turismo: cadeias, clusters e redes. In RUSCHMANN, Dóris & SOLHA, Karina Toledo. **Planejamento turístico**. São Paulo: Manole, 2004, 203 p.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Maria Elias. **Reflexões acerca da relação entre turismo e cultura**. Revista Espaço Acadêmico, nº 73, Julho de 2007, mensal, ano 7. disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/073/73gomes.htm>. Acesso em 15/02/08
- GOBBI, Maria Crsitina. A mídia das comunidades periféricas. *In Folkcomunicação: a mídia dos excluídos*. Cadernos da Comunicação. RJ, 2007.
- GRAZIANO DA SILVA, José et al. Turismo em áreas rurais:suas possibilidades e limitações no Brasil. In: ALMEIDA, J. A. et al. (org.). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Santa Maria: Centro Gráfico, 1998.
- GUZMAN, Maria Soledad, **O que é comunicação**, 2007 disponível em <http://pt.shvoong.com/social-sciences/1729137-que-é-comunicação/>, acesso: 05/03/2010
- HALL, A. D; FAGEN, R. E. **Definition of systems**. Yearbook, v. 1, 1956.
- HOHLFELDT, Antonio et al (org) Folkcomunicação: positivo oportunismo de quase meio século. **Anuário UNESCO/ UESP de comunicação regional**, São Bernardo do Campo: 2002
- JARA, Carlos Julio. **A sustentabilidade do desenvolvimento local: desafios de um processo em construção**. Recife: Secretaria de Planejamento do Estado de Pernambuco, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, 1998.

- JATOBÁ, Anny Kariny. **A folkcomunicação no artesanato de rendas de Pesqueira: muito além da agulha e linha.** Recife: Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2010 (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local)
- JESUS, Paulo de. Sobre desenvolvimento local e sustentabilidade: algumas considerações conceituais e suas implicações em projetos de pesquisa. In: PEDROSA, Ivo; MACIEL FILHO, Adalberto; ASSUNÇÃO, Luis Márcio (orgs.) **Gestão de desenvolvimento local sustentável.** Recife: EDUPE, 2007.
- _____. Desenvolvimento Rural. In: CATTANI, A. David. **A outra Economia.** Porto Alegre, Veraz, 2003.
- KOTLER, Philip. **Administração de Marketing.** São Paulo: Atlas, 1998.
- _____. **Marketing para o século XXI.** São Paulo: Futura, 1999.
- LATIF, A. CASSA B. **História Oral: considerações para pesquisa em serviço social.** Disponível em :http://www.ssrevista.uel.br/c_v5n2_latif.htm. Acesso em 12/01/2010
- LUCENA FILHO, Severino Alves de. **A festa junina em Campina Grande – PB: uma estratégia de Folkmarketing.** João Pessoa: Editora Universitária. 2007.
- MACIEL, Frederico Bezerra. **Ubassagas – Sagas sócio-tradicionais da cidade pernambucana de Pesqueira.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 1982.
- MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** Disponível em http://www.ines.gov.br/paginas/revista/abordagem_etnogr_para_Monica.htm. Acesso em 04.12.2009.
- MELO, José M de. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação.** São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. Folkcomunicação, disciplina científica com sotaque brasileiro. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, v. 1, p. 73-87, 2005.
- MELO, José M de. & GOBBI, Maria Cristina; DOURADO Jaqueline Lima. (orgs) **Folkcom do ex-voto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas.** Teresina: Halley, 2006, 685 p.
- MEDEIROS, João Bosco de. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas.** 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** São Paulo: Vozes, 1994.
- MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (orgs). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002, 288 p.
- OLIVEIRA, Anelize Martins de. **Turismo e desenvolvimento local: a cultura como elemento de aporte ao desenvolvimento da atividade** Disponível em <http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/527>. Acesso em 14/04/2009
- PAULILO, Maria Angela Silveira. **Pesquisa qualitativa e história de vida.** Disponível em: http://www.ssrevista.uel.br/c_v2n1_pesquisa.htm. Acessado em: 25.08.2009.

- PERES, A.; CAVALCANTI, M. Machado. **Indústrias de Pernambuco**. Recife: Imprensa Industrial, 1935.
- PETROCCHI, Mário. **Gestão de pólos turísticos**. São Paulo: Futura, 2001
- PIRES, Maria Luiza Lins e Silva. A (re)significação da extensão rural a partir da ótica da inclusão: a via cooperativa em debate, *in* Lima, Jorge Roberto T. de. **Extensão rural e desenvolvimento local**. Recife: Bagaço. 2005.
- PIRES, P.S. **Ecoturismo no Brasil: uma abordagem histórica e conceitual na perspectiva ambientalista**. 1998. 218 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo. 1998.
- PORTER, Michael. **Vantagem competitiva: criando e sustentando um desempenho superior**. Rio de Janeiro: Campus, 1991, 557 p.
- REJOWSKI, Mirian; COSTA, Benny Kramer (orgs). **Turismo contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão**. São Paulo: Atlas, 2003, 316 p.
- RODRIGUES, Adyr Balastreri. **Turismo e desenvolvimento local**, 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**, 2.ed. São Paulo: Atlas, 1990.
- RUSCHMANN, Doris van der M. O turismo rural e o desenvolvimento sustentável. In: ALMEIDA, Joaquim Anécio et al (org.). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: Papirus, 2000 (Coleção Turismo).
- SETTE, Hilton. **Pesqueira: aspectos de sua geografia urbana e de suas inter-relações regionais**. Recife: s.e., 1956.
- SOUKHANOV, Anne H.; ELLIS Kaethe. **Webster's II new riverside university dictionary**. Boston: Houghton Mifflin, 1984.
- SECRETARIA DE TURISMO DO RECIFE. **Recife em eventos nacionais**. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/pr/secturismo/eventosnacionais.php>. Acesso 11/08/2007.
- SCHULÜTER, Regina G. **Metodologia da pesquisa em turismo e hotelaria**. São Paulo: Aleph, 2003.
- SCHMIDT, Cristina. Teoria da Folkcomunicação. In: **Folkcomunicação: a mídia dos excluídos**. Cadernos da Comunicação. Série Estudos. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2007.
- SIGRIST, Marlei. A folkcomunicação nas festas populares. *In* **Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos**. São Paulo: Ductor. 2006.
- SILVA, Edson. **História, memórias e identidade entre os xukuru do Ororubá**. Revista Tellus. Campo Grande, UCDB, nº 12, 2007, p.89-102. Disponível em <http://www.ch.ufcg.edu.br/leme/hitorias%20do%20xucur%FA.pdf>. Acesso em 15/02/2010
- SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosangela. **Revista da Escola de Enfermagem**. USP Disponível em: <http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/207.pdf>. Acesso em 25/02/2010

SANTOS, Maria Salett Tauk. Estratégia de comunicação para o desenvolvimento local e os desafios da sustentabilidade. In: LIMA, Jorge Roberto Tavares de [et.al.] (org.). **Extensão rural e desenvolvimento sustentável**. Recife: Bagaço, 2005.

_____. **Desenvolvimento local e cidadania**: desafios e estratégias de comunicação da gestão participativa popular da Prefeitura de Camaragibe/PE. Trabalho publicado no VI CONGRESSO ALAIC, Santa Cruz de La Sierra, Bolívia – 05 a 07 de junho. 2002.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: ROCA, 2005, 934 p.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **A Folkcomunicação e as múltiplas (inter)mediações culturais da audiência da televisão**. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-folkcomunicacao. Acesso em 20/01/09.

_____. **A Folkcomunicação e as múltiplas (inter)mediações culturais da audiência da televisão**. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-folkcomunicacao. Acesso 20/01/2009

TULIK, Olga. **Turismo Rural**. São Paulo: Aleph, 2003. (Coleção ABC do Turismo).

VALLS, Josep – Francese. **Gestão integral de destinos turísticos**. RJ: FGV, 2006.

VAZ, Gil Nuno. **Marketing turístico: receptivo e emissor**. São Paulo: Editora Thomson Learning, 1999

ZIMMERMANN, Adonis. **Turismo rural: um modelo brasileiro**. Florianópolis: s.e., 1996. 67 p.

_____. Planejamento e organização do turismo rural no Brasil, *in* ALMEIDA, Joaquim Anécio et al (org.). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: Papirus, 2000 (Coleção Turismo).

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de observação etnográfica aplicado às Cambindas Velhas

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E
DESENVOLVIMENTO LOCAL – POSMEX

PESQUISA: Folkcomunicação e turismo: as Cambindas Velhas de Pesqueira – PE e a
atividade turística de base local

Data: ____/____/____

Objeto: cambindas velhas

Locus da pesquisa: pesqueira - pe

Número de grupos de grupos existentes na região de pesqueira, total de integrantes por grupo.

Origem dos grupos e das pessoas, como é a tradição, como é feito para entrar nas cambindas.

Verificar: idade, etnia e gênero.

Identificar os personagens compostos nos grupos; utilização de elementos de outras manifestações culturais.

Faixa etária se influencia na função dentro do grupo.

Tempo de permanência de cada elemento no grupo.

Onde, quando e como se apresentam.

A atividade laboral dessas pessoas.

Quanto tempo se dedica às cambindas velhas.

Identificar quem idealiza e confecciona as roupas.

Verificar nas apresentações o uso e o significado, para os atores, das fantasias.

Como e quando se apresentam.

Relação (posicionamento, participação, interação) da platéia com o grupo.

Verificar se há reconversão e hibridismo cultural.

Tipos de mídias utilizados para divulgação das apresentações.

Mapear se existe política pública de apoio às cambindas.

De onde vêm os recursos para os grupos.

Identificar se a apresentação dos grupos também é parte integrante de um calendário anual.

Os grupos se apresentam para turistas e excursionistas.

Articulação dos grupos em associações.

Ligação dos grupos de cambindas com os órgãos gestores do turismo.

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista semi – estruturada com o Secretário de Turismo de Pesqueira, com a Secretária de Cultura e com a Secretária de Assistência Social.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E
DESENVOLVIMENTO LOCAL – POSMEX

PESQUISA: Folkcomunicação e turismo: as Cambindas Velhas de Pesqueira – PE e a atividade turística de base local

Data: ____/____/____

Como a Secretaria de Turismo de Pesqueira tem trabalhado a questão do turismo no município?

E o planejamento da atividade turística, como é feito?

Existem planos, programas ou projetos na área do turismo? Quais?

Para a esta Secretaria, qual o papel da comunidade no processo do turismo?

Como trabalham as duas secretarias, turismo e cultura?

Existe alguma política cultural no município? Qual?

Como se deu a escolha das Cambindas Velhas para serem o ícone do carnaval de Pesqueira em 2001?

Porque, hoje, quando se trata do carnaval de Pesqueira, em nível regional ou nacional, são apresentados os Caiporas?

Como e porque se deu esta escolha?

Como é feita a programação do carnaval local?

Como podem mensurar a satisfação da comunidade em relação ao carnaval?

E a satisfação dos turistas?

Existe algum incentivo para as manifestações culturais?

Qual o critério estabelecido para o direcionamento da verba?

Como é feito o trabalho das duas Secretarias, junto as manifestações, fora do período momesco?

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista semi – estruturada com o representantes do *trade* turístico

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E
DESENVOLVIMENTO LOCAL – POSMEX

PESQUISA: Folkcomunicação e turismo: as Cambindas Velhas de Pesqueira – PE e a atividade turística de base local

Data: ____/____/____

1. Na sua opinião, como é a relação da Secretaria de turismo com o trade?
2. Como você percebe o turismo em Pesqueira?
3. Na sua opinião, qual o resultado, para os negócios, do carnaval da cidade?
4. O que você acha dos Caiporas serem os representantes do carnaval de Pesqueira?
5. Conhece as Cambindas Velhas?
6. O que você sabe sobre esta manifestação?
7. Qual a influencia destas manifestações para o turismo local?
8. Você participa de alguma reunião da Secretaria de Turismo?
9. Se sim, qual?

APENDICE D – Roteiro de entrevista semi-estruturada com a comunidade pesqueira. (incluindo representantes indígenas de Cimbres)

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E
DESENVOLVIMENTO LOCAL – POSMEX

PESQUISA: Folkcomunicação e turismo: as Cambindas Velhas de Pesqueira – PE e a atividade turística de base local

Data: ____/____/____

1. O que você acha do turismo em Pesqueira?
2. Para você o que mais atrai turistas para a cidade?
3. O que você acha do carnaval de Pesqueira?
4. Conhece os Caiporas?
5. Conhece as Cambindas Velhas?
6. O que você acha dessas manifestações?
7. Sai no carnaval em alguma agremiação?
8. Qual?
9. Participa de alguma reunião do poder público?
10. Gosta da programação do carnaval?
11. Para você, falta alguma informação sobre o turismo em pesqueira?
12. E sobre as manifestações culturais?
13. Acha que o turismo e o carnaval de Pesqueira poderiam ser diferentes do que é hoje?
14. Porque?
15. Gostaria de participar de reuniões da Secretaria de turismo?
16. Para que?
17. Tem alguma recomendação para os gestores?

ANEXOS

ANEXO A: folder do carnaval de 2001



TELEFONES ÚTEIS

Batalhão da Polícia Militar	3835.1533
Delegacia de Polícia	3835.1277
Corpo de Bombeiros	3722.1303
Casa de Saúde São José	3835.1224
Hospital Dr. Lídio Paraíba	3835.1722
Celpe	3835.1588
Celpe (Plantão)	3835.1196
Prefeitura Municipal de Pesqueira	3835.1324
Rádio Jornal	3835.1764
Rádio FM	3835.1788

UM NOVO TEMPO



PESQUEIRA
Prefeitura Municipal
Secretaria de Turismo



GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DE TURISMO



HOTEL ACAUÁ
★★★★



HiperMed
REDE DE FARMACIAS



Isabella



Roupa Nova

CARNAVAL DAS GAMBUDA
2001

Homenageando



Gôgo e Burica (in memoriam)

continuação anexo A

PESQUEIRA

A 214 km do Recife, em pleno Agreste Pernambucano, está Pesqueira. Terna, Renda e da Graça. Lugar de beleza histórica e religiosidade marcante. Situada ao pé da Serra do Ororubá, Pesqueira oferece aos seus visitantes no período Carnavalesco as mais diversas atrações: frevo, axé, pagode, samba e outros ritmos que se misturam promovendo um grande espetáculo.

PROGRAMAÇÃO DO CARNAVAL DAS CAMBINDAS 2001

Dia 17/02 - SÁBADO - Abertura do Carnaval
20:00h Desfile dos Estandartes - Saída da Rádio Jornal
23:00h Concurso do Rei e Rainha do Carnaval
No Acauã Fest Show
24:00h Orquestra e Banda Acauã - Estação do Frevo

De 18 a 22/02 - Semana Pré-Carnavalesca

Dia 22.02 - QUINTA-FEIRA
08:00h Escola Elizeu em Folia
Escola Cacilda Almeida em Folia
19:00h Escola Dom Adolfo Machado Educ., Frevo e Folia
20:00h Escola Cristo Rei em Folia
20:00h Abertura Oficial do Carnaval
Entrega da chave da Cidade ao Rei Momo e Rainha do Carnaval
Show com Orquestra de Frevo

Dia 23.02 - SEXTA-FEIRA
08:00h Bloco do Colégio Santa Dorotéia
13:00h Bloco da Prefeitura
16:00h Escola Arruda Marinho em Folia
16:30h Escola N. Senhora das Graças em Folia
17:00h Bloco Alvará de Soltura (OAB)
20:00h Profeta em Folia
Bloco da Gaia
20:00h Os Amantes da Lua (saída Cruzada Feminina)

21:00h Troça Caboclinho Oxassa Pena Branca
Bloco Maracadoido
Troças Caboclinho
21:30h A Boneca Centenária (saída Frei Caneca)
22:00h Show na Estação do Frevo

Dia 24.02 - SÁBADO

09:00h Troça O Pinto - Pça. D. José Lopes
09:30h Escola Jesus de Nazaré em Folia
11:00h As Catraias Donzelas (saída da Rádio Jornal)
12:00h Renascença em Folia (saída da Pitanga)
13:00h Show na Estação do Frevo
16:00h Troças: O Urso, O Macaco em Folia,
Caboclinhos do Ororubá, Nativos em Folia,
Cirrose em Folia, Bloco do Caixão,
A Zebra do Cíbiu e outros.
18:00h Peixe na Vara (Centenário)
20:00h Zé Pereira e Os Bonecos Gigantes
de Pesqueira (saída da Rádio Jornal)
22:00h Os Rebeldes (saída da Praça Jurandir de Brito)
23:00h Show na Estação do Frevo
Banda Zué com Trio Elétrico

Dia 25.02 - DOMINGO

08:00h Turma da Velha Guarda (saída da Rádio Jornal)
09:00h Troças e Blocos diversos
As Caiquiras
Turma do Mela
Os Cangaceiros
Cai o Frasco
Concentra Mais Não Sai
Dois de Ouro
Banha e Osso
11:00h Alisa Pau (Xucurus)
Os Meninos de Lulu
Caça Cheiro (Central)
Centenário em Folia
13:30h Frei Caneca em Folia
14:00h Santa Cruz em Folia
15:00h A Casa do Vovó (Centenário)
16:00h Lira da Tarde (São Sebastião)
17:00h Timbaladoido
18:00h Tricolor em Folia (São Sebastião)

21:00h Escola de Samba Império do Samba
22:00h Escola de Samba Labariri
24:00h Os Fuzarqueiros

Dia 26.02 - SEGUNDA-FEIRA

08:00h Blocos e Troças
09:00h Alizinho (Xucurus)
Dois de Ouro
A Zebra do Sibiu
Os Boys do Canal
O Padre Sem Cabeça
Urso em Folia
Turma do Mela
Concentra Mais Não Sai
Banha e Osso
Blocos e Troças
14:00h Santa Cruz em Folia
16:00h Os Cangaceiros
17:00h Timbaladoido
18:00h Tricolor em Folia
19:00h As Cambindas Velhas
20:00h Lira da Tarde
21:00h Escola de Samba Gigante do Samba
22:00h Escola de Samba Acadêmicos de Pesqueira
23:00h Escola de Samba Água Dourada
24:00h Os Rebeldes com Trio da Kaiser
01:00h Banda Suingueira com Trio na Estação do Frevo

Dia 27.02 - TERÇA-FEIRA

08:00h Blocos, Troças e Diversos Grupos Folclóricos
11:00h Os Meninos de Lulu
Centenário em Folia
12:00h Show na Estação do Frevo
16:00h Lira da Tarde
18:00h Banda na Estação do Frevo
19:00h Cambindas Velhas
20:00h Escola de Samba Gigante do Samba
21:00h Escola de Samba Água Dourada
22:00h Escola de Samba Labariri
24:00h Os Fuzarqueiros

Dia 28.02 - QUARTA-FEIRA

05:00h Bacalhau na Vara



ANEXO B: folder do carnaval 2009 – cem anos das Cambindas (continuação)

PROGRAMAÇÃO:

SÁBADO – 14/02

18:00 - Bloco Virus Indoor
22:00 - Baile Municipal Talismã hall

DOMINGO – 15/02

12:00 - Bloco Vira Copos

QUINTA – 19/02

08:00 - Bloco do Pode em folia
20:00 - Educação Frevo em folia
Escola Estadual Dom Adelmo

ABERTURA OFICIAL

POLO ESTAÇÃO DO FREVO

21:00 - TIMBALADOIDO - PALCO
01:00 - TRIO E BANDA ASAS DA AMÉRICA

POLO PRADO

Concentração

22:00 - TRIO E BANDA ASAS DA AMÉRICA

SEXTA - 20/02

POLO ESTAÇÃO DO FREVO

10:00 - Bloco Secretaria de Educação e folia
14:00 - Bloco da Prefeitura
15:00 - Turma do Lança
16:00 - Bloco Educ. Imaculada Conceição em folia
- Seu Fundo na Folia Continua

Rendendo

18:00 - Bloco Santa Dorotéia
19:00 - Profeta em Folia
20:00 - PIRIPOMPOINS DO BRASIL - PALCO
21:00 - Maracadoido
21:30 - Nação Rubro Negro em folia
22:00 - Amantes da Lua
22:30 - BANDA MILÊNIO - PALCO
01:30 - TALISFOLIA - MARRETA YOU PLANETA

POLO PRADO

Concentração

SÁBADO – 21/02

POLO ESTAÇÃO DO FREVO

09:30 - O Urso em folia
- Troça: O Macaco em folia
11:00 - DJ PIU NO FREVO - PALCO
13:00 - IMPACTO SAMBA - PALCO
14:00 - Cipitinga
16:00 - AS CATRAIAS DONZELAS
BANDA SUPER OARA
17:00 - Turma do Hem
- Bloco Blá
- Bloco das Ilusões
18:00 - Motoqueiros em folia
19:00 - Peixe na Vara
20:00 - Dona Bela em folia
- Bloco Recordar é Viver
- Lançamento Ponto de Cultura:
Cambindas,
Caiporas e Escola de Samba
Labariri
20:30 - SHAK SAMBA - PALCO
22:00 - BLOCO ZÉ PEREIRA E OS
BONECOS GIGANTES DE
PESQUEIRA
23:30 - OPERA BANDA SHOW - PALCO
01:30 - TALISFOLIA - GERALDINHO LINS
ELÉTRICO

POLO PRADO

11:00 - As Meninas de Sônia
Concentração
13:00 - AS CATRAIAS DONZELAS
BANDA SUPER OARA
22:00 - TALISFOLIA - GERALDINHO LINS
ELÉTRICO

DOMINGO – 22/02

POLO ESTAÇÃO DO FREVO

09:00 - Blocos: Zé Rocha em folia
09:30 - O Urso em folia
- Troça: O Macaco em folia
10:00 - Turma da Velha Guarda
11:00 - DJ PIU NO FREVO - PALCO
- Bloco do Caixão

- Os Meninos de Lulu (Prado)
- Zebrinha do Sibiu em folia
- Bloco DNA
- 12:30 - Casa da Sogra
- 13:00 - SHAK SAMBA – PALCO**
- 13:30 - Bloco Cai o Frasco
- Cipitinga
- Fraldões em folia
- Turma do Pirata
- Santa Cruz em folia
- 14:30 - A Sobre
- Os assanhados da Caixa d'água
- Vaza Canhão
- 15:00 - Los Borachos
- Os Cãos em folia
- Bonafolia
- Salva Vidas
- A Tenda
- A Vaca Louca
- Turma do Hem
- Os Mortos Vivos
- As Karochas
- Os Pitel do Prado
- Rota da Cachaça
- Bloco Blá
- 15:30 - Os Cangaceiros
- Centenário em folia
- 16:00 - BLOCO POTOLÓ EM FOLIA**
- ASAS DA AMERICA – TRIO**
- Boteco da Dadá
- Os Medonhos
- 17:00 - Troça Rolamento
- Bloco Cleid's Club
- 18:00 - AS CAMBINDAS VELHAS**
- 18:00 - APRESENTAÇÃO DOS CAIPORAS**
- 19:00 - ORQUESTRA FREVO BANDA**
- MÚSICAL CURICA – PALCO**
- 20:00 - Manos do Som
- 21:00 - BONDE DO FREVO - PALCO**
- 22:00 - Bloco Vida Nova – Boa Idade
- 23:00 - ESCOLA DE SAMBA LABARIRI**
- 23:30 - ED CARLOS - PALCO**
- 01:30 - AGITO PIRATA - RAGHATONI**

POLO PRADO

- 10:00 - ORQUESTRA DE FREVO DANIEL**
- 11:00 - As Meninas de Sônia
- As Meninas da Meia Noite
- 12:00 - BALADA ELÉTRICA**
- 15:00 - Tradicional banho de carro pipa
- Concentração
- 22:00 - AGITO PIRATA - RAGHATONI**

SEGUNDA – 23/02

POLO ESTAÇÃO DO FREVO

- 09:30 - O Urso em folia
- Troça: O Macaco em folia
- 10:30 - As Chupetas
- 11:00 - DJ PIU N O FREVO - PALCO**
- Turma Quebra Galho
- 11:30 - Carne na Vara
- 12:00 - Os Boys do Canal
- 12:30 - Casa da Sogra
- 13:00 - OPERA BANDA SHOW – PALCO**
- Centenário em Folia
- 14:00 - Será que sai
- Cipitinga
- Santa Cruz em folia
- 15:00 - Os Timbaleiros
- Os Cãos em folia
- Bloco Amigos da Saúde
- Todos em folia
- 16:00 - BLOCO POTOLÓ EM FOLIA**
- ORQUESTRA DE FREVO 40**
- GRAUS – TRIO**
- 17:00 - Canibal e Macacados
- Bloco das Ilusões
- 19:00 - Os profetas
- Turma da Velha Guarda
- Maracá Doido
- 20:00 - Bloco Recordar é Viver
- 20:00 - Bloco Alvirrubro em folia
- 20:00 - JOSÉ ARIMATÉIA E SEU**
- REGIONAL – PALCO**
- 21:00 - ESCOLA DE SAMBA GIGANTES**
- DO SAMBA**
- 22:00 - CLÁUDIO ALMEIDA - PALCO**
- 00:00 - ART POLULAR - PALCO**

ANEXO B: folder do carnaval 2009 – cem anos das Cambindas (continuação)

POLO PRADO

- 10:00 - **JORGE DO SINAL**
- As Meninas de Sônia
- Bloco Amigos da Saúde
12:00 - **ORQUESTRA DE FREVO DANIEL**
15:00 - Tradicional banho de carro pipa
Concentração
22:00 - **AGITO PIRATA - OZ BAMBAZ**

TERÇA - 24/02

POLO ESTAÇÃO DO FREVO

- 09:30 - O Urso em folia
- Troça: O Macaco em folia
10:00 - Zebrinha do Sibiu em folia
11:00 - **DJ PIU NO FREVO - PALCO**
- Os meninos de Lulu
12:30 - Casa da Sogra
13:00 - **BANDA MILÊNIO - PALCO**
- Centenário em Folia
- Bloco Cai o Frasco
- Bloco DNA
14:00 - Santa Cruz em folia
- Cipitinga
14:30 - Os assanhados da Caixa d'água
- Turma do Pirata
- A Sobra
15:00 - Os Timbaleiros
- Los Borachos
- Os Cães em folia
- Turma do Hem
- Os Mortos Vivos
- Salva Vidas
- As Karochas
- Os Pitel do Prado
- A Vaca Louca
- Bloco Blá
- Rota da Cachaça
16:00 - **BLOCO POTOLÓ EM FOLIA**
ORQUESTRA POPULAR DO RECIFE - TRIO
- Os Cangaceiros
- Os Medonhos
- O Boteco da Dadá
- Quando Eu Bebo Eu Ligo
17:00 - Troça Rolamento
18:00 - **AS CAMBINDAS VELHAS**

19:00 - APRESENTAÇÃO DOS CAIPORAS

- 20:00 - Manos do Som
20:00 - **VALDIR SANTOS - PALCO**
21:30 - Turma da Velha Guarda
22:00 - Bloco Vida Nova - Boa Idade
22:00 - **EBERT LUCENA - PALCO**
00:00 - **GRUPO REVELAÇÃO - PALCO**
02:00 - **AGITO PIRATA - ASSOMBRA**

POLO PRADO

- 10:00 - **BANDA VISUAL**
11:00 - As Meninas de Sônia
- As Meninas da Meia Noite
12:00 - **GERA SOM E BANDA**
15:00 - Tradicional banho de carro pipa
Concentração
22:00 - **AGITO PIRATA - ASSOMBRA**

QUARTA - 25/02

POLO ESTAÇÃO DO FREVO

- 10:00 - Bloco Turma do Tóco
17:00 - Bloco Os Papudinhos

22/02 - Distrito de Papagaio

- 20:00 - Papagaio Trelozo

23/02 - Distrito de Mutuca

- 10:00 - Mutuca em folia

CORTEJOS DE CULTURA POPULAR

QUINTA - 19/02

- 20:00 - **BOI FAÇEIRO**

SEXTA - 20/02

- 20:00 - **PAPANGUS**
- **CABLOCLINHOS SETE FLEXAS**

SÁBADO - 21/02

- 20:00 - **MARACATU CAMBINDAS**
ESTRELA DE ALINÇA
- **CABLOCLINHOS SETE FLEXAS**

HOMENAGEM - IN MEMORIAM
PEDRO LOPES
(FUNDADOR DAS CAMBINDAS VELHAS)

SEVERINO POTOLÓ
(FUNDADOR DO BLOCO POTOLÓ)

FOLIA A troça foi criada em Pesqueira em 1909

BANCO DE IMAGEM/JC



TRADIÇÃO Os homens se vestem de mulher e saem pelas ruas locais

Cambindas ameaça não desfilar neste Carnaval

PESQUEIRA — Trajando vestidos de renda branca, com fita vermelha na cintura, chapéus com flores brancas e sandálias de couro, a agremiação carnavalesca Cambindas Velhas, formada apenas por homens, poderá ser a grande falta na folia deste ano em Pesqueira. Desde que foi fundada, em 1909, essa é a segunda vez que ela ameaça não sair pelo mesmo motivo: falta de apoio financeiro.

Rosinara Lopes e Rosário Macena, netas de Aprígio Barbosa do Amaral, 89 anos, presidente da entidade, admitem que o grupo não possui dinheiro sequer para comprar as fantasias. Revelam, no entanto, esperanças de colocar as Cambindas nas ruas. "Não queremos deixar as Cambindas Velhas morrerem ou serem esquecidas pelo povo", afirmou Rosinara. O



seu avô, devido ao estado de saúde e idade, não está à frente do movimento.

As Cambindas foram criadas pelo seu bisavô Pedro Lopes da Costa, em 1909, ano do nascimento do atual presidente Aprígio Amaral, genro dele. De acordo com pesquisadores, a origem da agremiação está ligada à nação africana Cambinda, cujos negros habitavam o estuário do Rio Zaire. "Vovô conta que a sociedade sempre prestigiou o movimento, sem discriminar os homens que se vestiam de mulheres", frisou.

DANÇA — A coreografia do grupo é tradicionalmente a mesma, assim como a música. Os homens dançam no meio das ruas, dando dois passos para a direita e depois esquerda, para em seguida, pegar na ponta da saia com a mão esquerda e dar uma rodada. Eles se apresentam ao som de uma zabumba de dois atabaques e um maracá.

J. Costa 5 Fev 78

ESTATUTO DO BLOCO CARNAVALESKO
CAMBINDA VELHA

Estatuto do Carnavalesco "Cambinda Velha", da cidade de Pesqueira-Pernambuco.

Art. 1º O Bloco Carnavalesco "Cambinda Velha", tem por finalidade, todos os anos fazer-se apresentar no carnaval de rua, proporcionando ao povo diversão carnavalesca, de acordo com as suas possibilidades.

Art. 2º O Bloco Carnavalesco "Cambinda Velha", será ministrado por uma Diretoria composta de 04 (quatro) membros, a saber: Presidente, Vice-Presidente, Secretário, Tesoureiro.

Parágrafo Único: Cada membro terá a função de acordo com o seu cargo.

Art. 3º A entidade será mantida por contribuições, particulares e por auxílios dos Poderes Públicos.

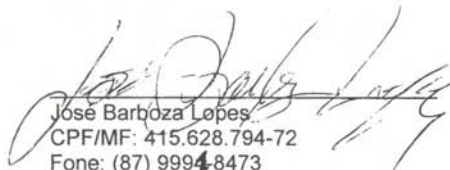
Art. 4º A Diretoria será eleita por escrutino secreto, devendo os respectivos mandatos terão duração de quatro (04) anos a começar da posse ao cargo.

Art. 5º Este Estatuto deverá futuramente ser emendados, com o objetivo de corresponder as exigências atuais.

Pesqueira, 15 de agosto de 2007.



José Rozanio Cavalcanti Cintra Lopes
Presidente
CPF/MF: 535.098.544-20



José Barboza Lopes
CPF/MF: 415.628.794-72
Fone: (87) 9994-8473

ANEXO E: currículo do bloco apresentado pela direção do mesmo

Corriculo

Curriculum



Responsável e organizador do grupo cultural AFRO: Grupo Cultural Cambinda Velha.

Nome: José Cavalcante Cintra Lopes - José Rozano Cintra Lopes

Identidade RG: 3288006 SSP-PE - 3288006 - SSP-PE

CPF (MF): 535098544-20 - 535098544-20

Endereço: Rua Jardim, 16 -

Bairro: Vila Anápolis, Pesqueira - PE.

Grau de estudo: "6ª" serie - 1º grau

Telefone: (87) 9994-8473 99948473

Fundador: Pedro Lopes

Histórico

Fundado em 1909 pelo Sr. Pedro Lopes, após o seu falecimento assumiu o Sr. Aprigio, e hoje é comandado pelo seu filho José Barboza Lopes e seu neto José Rozano Cavalcante Cintra Lopes

É uma dança de desfile dos negros que ao chegar ao Brasil popularizou-se com o nome de CAMBINDAS, era um folguedo

Realizado pelos escravos nas senzalas onde logo passou a ser apresentado nas festas profanas como o carnaval e nas festas religiosas em homenagem aos santos de devoção. É uma apresentação simples composta por um grupo masculino, com

vestes brancas femininas, cantando músicas de origem africana, formando um conjunto harmonioso e de rara beleza

histórica sendo o mais velho do interior de Pernambuco e único do gênero completando 100 anos no carnaval de 2009.

Tendo hoje 25 componentes.

ANEXO F: fotos dos antigos carnavais dos cedidas pela direção do bloco.

CARNAVAL 2003



**ANEXO F: fotos dos antigos carnavais dos cedidas pela direção do bloco.
(continuação)**

CARNAVAL 2006



**ANEXO F: fotos dos antigos carnavais cedidas pela direção do bloco.
(continuação)**



APRIGIO AMARAL

2001

-Um dos Fundadores - aos 92 anos

Fom - 99948473